Ir. Alexandre Balko

**O Padre CHAMPAGNAT**

**e a FORMAÇÃO dos IRMÃOS**

I. A atitude fundamental

- Boa vontade

- Engajamento pessoal do Fundador

- Ambiente de família: simplicidade e bondade

- Entreter a boa vontade e o fervor

- A arte da correção

- As provas

- Formação em vista das dificuldades futuras

- A responsabilidade dos Irmos Diretores

- O espírito que anima a formação Marista

II. Os fatores da formação

- A pessoa

- A comunidade

- O zelo

- Jesus e Maria

III.Os aspectos da formação

- Formação vida religiosa

- Formação oração

- Formação catequética e escolar

- Formação ao trabalho manual

IV.As etapas da formação

- Juvenato

- Noviciado

- Escolasticado

- Formação permanente

- Conclusão

**O PADRE CHAMPAGNAT e FORMAÇÃO DOS IRMÃOS**

"O êxito de seu Instituto me parece maravilhoso, sobretudo, quando me recordo dos elementos bisonhos de que dispunha no início e com os quais conseguiu fazer Irmãos instruídos e piedosos em sua grande maioria". (Depoimento do Pe. Cláudio Maria Tissot).

São os predicados excecionais do formador que provocam a admiração desse sacerdote, oriundo de La Valla, e discípulo, também ele do Pe. Champagnat. Nosso Bem-Aventurado Fundador era educador nato, que exercia influência marcante nos discípulos, mas que não apresentou por escrito nem seus princípios nem a prática. Tentar definir sua linha pessoal na formação dos primeiros membros tarefa difícil. Trata-se de passar ao crivo e analisar a documentação de que dispomos para deduzir o essencial de suas atividades como formador.

Não inútil destacar, desde o começo, que o resultado dever estar em concordância perfeita com a silhueta global do Fundador e de seu carisma; um aspecto particular de um conjunto coerente.

De outra parte, todas as congregações dispõem de instituições para a formação de seus candidatos. Aliás, assemelham-se muito, porque de boa vontade se adota o que se revela eficaz em outras. O que importa, então, identificar o espírito particular e as atitudes pessoais de nosso Fundador, que imprimiram formação Marista suas características próprias.

I - A ATITUDE FUNDAMENTAL

"A comunidade formativa muitas vezes permanece uma realidade nominal...os relacionamentos formativos são fictícios, os hábitos formativos se sucedem pressupostos ou resignados, nunca levados ao cumprimento efetivo...

Alguma coisa não funciona quando se vêem mais instituições do que comunidades, que se observam mais palavras do que experiências, mais ensinamentos do que envolvimentos com testemunhos exemplares e convidativos, mais lugares e tempos de isolamento que vias de inserção" (Diversos autores, Formação vida religiosa, editora Rogate, Roma, 1983, p. 151, Pe.Gianola).

Em uma conferência, o padre salesiano Pedro Gianola menciona os "burocratas do bem", esses religiosos que constituem sobretudo uma casta social. Apresenta com força o problema fundamental das instituições esvaziadas de vida, sistemas artificiais e improdutivos. Talvez seja nessa armadilha que a gente se deixa prender mais facilmente em época em que os meios financeiros permitem criar, organizar e equipar as instituições. Mas que resultado pode-se esperar quando se faz economia do esforço profundamente humano e espiritual?

"Portanto, requer-se muita flexibilidade nos métodos e ao mesmo tempo, clareza de objetivos, de maneira a pôr em ação todos os recursos, energias e o entusiasmo dos jovens, propondo o que responde às suas aspirações autênticas". (O.C., p. 201, Elio Gambari).

 em face desse problema que a atitude pessoal do Padre Champagnat na formação de seus Irmãos assume todo o relevo. Esse fundador de um instituto para o ensino não tem nada de um intelectual que projete esquemas abstratos sobre a realidade. um homem de coração e ação, totalmente voltado para uma via direta; um homem de coração simples que se orienta espontaneamente ao essencial e vital. Na fundação do Instituto, economiza os grandes rodeios intelectuais e começa a agir em seguida. Passaram-se apenas seis meses desde a saída do seminário e já os primeiros candidatos começam a vida comunitária na primeira casa do Instituto.

A grande idéia da fundação fica reduzida assim a uma iniciativa simples: vive-se juntos, trabalha-se, reza-se, prepara-se o estudo, ao mesmo tempo que se ensaiam as lides apostólicas da educação crist pela catequese e o cuidado dos meninos pobres. A regra contenta-se em organizar a vida, vai desenvolver-se com os progressos da congregação e a multiplicação de suas atividades. Não h lugar para estruturas injustificadas, nem alienação intelectual. Ao contrário da maioria dos fundadores do século XIX, preocupados em organizar a priori estruturas de vida, Marcelino Champagnat parte da experiência e responde a necessidades reais. Renunciando a qualquer justificação ideológica, proclama sem rodeios que foi a partir das dificuldades que enfrentou na aprendizagem da leitura que resolveu ajudar aos jovens dos campos dando-lhes mestres e educadores cristãos.

Perante o inspetor Guillard, que se espanta da ausência de autorização oficial para as primeiras escolas, o jovem fundador revela sua atitude pessoal habitual:

"O senhor coadjutor...expõe que espera, para fazer-se autorizar legalmente, que a árvore que acaba de plantar...tenha lançado raízes" (OM 1, p.275)

Este depoimento precioso nos situa perante um homem centrado no real: a vida, o crescimento. A organização institucional não rejeitada, mas deve seguir a vida, em lugar de a preceder.

# Boa vontade: a única condição

A resposta ao aspirante Pedro Aleixo Labrosse, futuro Ir.Luís Maria, que se informa das condições requeridas para ingressar no Instituto, um exemplo impressionante dessa simplicidade do Fundador que reduz ao essencial as disposições vida religiosa:

"A maior, se posso dizer, a única condição para entrar em nossa casa, com a saúde, a boa vontade e o desejo sincero de agradar a Deus( 29.08.31).

Boa vontade e sinceridade, essas duas componentes da "simplicidade" bíblica do coração, voltam seguidamente na pena de Marcelino Champagnat: Exprimem uma exigência da verdade e da autenticidade destinada a assegurar uma disposição fundamental na vida religiosa. Não receia em relativizar todo o resto, com o risco de expor-se incompreensão dos "sábios deste mundo".

"Não se compreende nada a respeito da organização desses Irmãos: fazem o contrário dos outros. O Irmão mais capaz leciona no curso inferior, e o que parece menos instruído est encarregado da direção da casa" (Vida, 2& parte, cap. XVIII).

A escolha do Irmão Boaventura uma ilustração suplementar dessa atitude decidida do Fundador. Esse jovem, que tinha sido empregado, no mundo, foi chamado para a importante função de mestre de noviços, bem no começo de sua vida religiosa, porque o Padre Champagnat nota sua abertura graça e fidelidade.

Se o Pe. Champagnat concede tanto valor boa vontade, sinceridade e autenticidade, porque não ignora que essas disposições condicionam a abertura de coração, indispensável para colaborar com a graça de Deus. A ação formadora de Champagnat enxerta-se espontaneamente na boa vontade e no fervor.

"Quanto a ele, procurava, em primeiro lugar, insinuar-se ao espírito, ganhar o coração de quem repreendia e fazer-lhe confessar a falta; depois, dava-lhe com bondade os meios adequados para se corrigir.

As correções eram quase sempre feitas sob forma de aviso e consistiam em fazer conhecer com simplicidade, ar aberto e bom, o que era necessário fazer ou o que deveria ser evitado".

(Vida, 2& parte, p. 240, cap. VI).

Um depoimento do Irmão Francisco evoca ainda com mais relevo o "bom pai" que se dirige ao coração dos filhos:

"Sua direção não consistia em muitas palavras. Era muitas vezes uma carícia paternal, uma frase, os mesmos dizeres repetidos diversas vezes, mas ditos por ele, desciam at ao fundo do coração, para levar a! o amor de Deus, o desejo de melhorar. Quantos junto dele encontraram a paz, a confiança, a felicidade" (Escritos, vol.VIII, p.114).

# Engajamento pessoal do formador

A psicologia contemporânea afirma de bom grado que, para ter influência sobre os outros, necessário ser a gente mesma: a autenticidade contagiosa. O Padre Champagnat apoiava sua exigência de boa vontade e sinceridade em um compromisso pessoal heróico. O Irmão Lourenço no-lo mostra coberto de suor e de poeira, fazendo sempre os trabalhos mais difíceis para poupar os Irmãos. Outras testemunhas destacam que o Fundador era o primeiro em tudo, modelo vivo que arrastava a todos a seguir suas pegadas:

"Meu pai vinha seguidamente a l'Hermitage ver meus irmãos religiosos, no convento, e cada vez trabalhava diversos dias com os operários. Ao voltar para casa, nos dizia:" L'Hermitage um paraíso; reza-se, trabalha-se, a gente se quer bem, guarda-se o silêncio e o Padre Champagnat sempre o primeiro em tudo, o mais edificante de todos; arrasta a todos pelo amor e veneração que inspira" (Processo informativo).

Na circular de 6 de janeiro de 1857, o Irmão Francisco recorda que um princípio habitual do Padre Champagnat queria que o exemplo precedesse ao ensinamento:

"Durante a vida, propôs-se essas palavras da Sagrada Escritura que nos repetia muitas vezes nas instruções: Jesus começou por fazer antes de ensinar" (Atos 1,1) e, nos recomendava de proceder da mesma forma em relação aos alunos".

Se a tradução do versículo dos Atos nos parece inexata hoje, o princípio evangélico que se quer pôr em evidência conserva todo o valor. Est inteiramente dentro da linha de outra convicção pessoal do Fundador, formulada na carta de 21 de janeiro de 1830

ao Irmão Bartolomeu:

"Sei também que têm um bom número de crianças; terão por conseguinte um bom número de cópias de suas virtudes, porque com vocês que as crianças se formam, e ser de acordo com os exemplos de vocês que irão regrar a maneira de proceder".

O Irmão João Batista parece ter assimilado bem esse princípio do Padre Champagnat e repete de bom grado:

"Um Irmão Diretor ter tantas cópias de suas ações, e de imitadores de sua conduta quantos os Irmãos que tem sob sua direção..."(A.L.S., cap.II, p.28).

Como se vê nesta passagem, trata-se da formação dos jovens Irmãos. Sucede o mesmo na biografia do Irmão Boaventura quando o Fundador deve dirigir-se diretamente ao mestre de noviços para completar-lhe a formação:

"Todos os formandos têm os olhos sobre você. Ter tantas cópias de suas ações quantos os noviços; ser de acordo com voc que se modelarão..." (Biografias, p. 111).

A qualidade do elemento tradicional do exemplo que garante a autenticidade dos valores propostos e de todo o processo formador. Pode-se afirmar, em geral, que os jovens se abrem espontaneamente aos valores verdadeiros, e que se revoltam contra as falsificações. Quantos adultos, pais ou educadores, capitulam perante as exigências da educação refugiando-se em discursos teóricos que não engajam as pessoas diretamente! Os exemplos citados mostram que Marcelino Champagnat reduziu ao mínimo o intermediário intelectual para dar toda a eficácia influência vital direta.

# Ambiente de família: simplicidade e bondade.

Contudo, a eficácia do exemplo não de ordem mecânica. Exige um ambiente educativo em que o relacionamento possa ser autêntico graças a atitudes pessoais marcadas pela transparência e a benevolência recíprocas. esse ambiente de família, matriz de toda educação, que caracteriza os discípulos do Padre Champagnat desde o início. Na carta de primeiro de dezembro de 1823, em que o Fundador presta conta dos estabelecimentos que acaba de visitar, achamos estas linhas sugestivas:

"A vida em Tarentaise também vai bem. Os alunos dizem que o Irmão Lourenço era "um bom menino" (amigo), mas que este (o sucessor) ainda mais".

Como a expressão "bom menino" evoca a simplicidade e a bondade, nos leva definição da vida de família bem como às relações paternais ou fraternais na educação das crianças ou formação dos jovens religiosos. Nesse ponto, encontramos duas realidades importantes: uma sólida tradição do espírito de família nos Irmãos de Maria e uma atitude pedagógica contemporânea das mais importantes.

A paternidade do Fundador em relação a seus discípulos aparece nitidamente no testemunho j mencionado do Irmão Lourenço. Citemos aqui algumas palavras da "carta das lágrimas" escrita durante a crise do verão de 1830, em que o bom Padre evoca as grandes provações que pontilharam o crescimento de sua obra:

"Transmiti confiança a meus filhos (na crise de 1826). Disse-lhes que não deviam recear nada; que compartilharia de todos seus infortúnios repartindo o último pedaço de pão. Vejo nessa circunstância que nem um nem outro (os Padres Courveille e Terraillon) tinham para com meus filhos sentimentos de pai".

Não se pode desenvolver aqui o tema do espírito de família que um dos aspectos do carisma do Instituto. Evoquemos ainda estas preciosas linhas do Irmão Francisco, tiradas de uma instrução sobre o Padre Champagnat, feita aos Irmãos de l'Hermitage.

"Mas, sobretudo, era bom, compassivo, era pai...Ao fundar a congregação, quis fazer uma família cujo guia fosse pai e onde os Irmãos mais idosos vigiassem e protegessem os mais jovens. Sejamos pois de sua família, filhos seus...(Caderneta 13, Instruções, p. 217).

Em nossa congregação, o espírito de família cristaliza-se em volta de dois pólos: a paternidade do Fundador e uma devoção filial e carinhosa para com a "Boa Mãe". Uma citação do Testamento Espiritual substituir um desenvolvimento que não pode achar aqui o lugar que lhe caberia naturalmente:

"Uma devoção terna e filial por vossa boa Mãe vos anime em todo tempo e em todas as circunstâncias".

 claro que se trata de um apego do coração e não de simples convicção intelectual. Em harmonia natural com a simplicidade da criança, que uma caraterística fundamental do espírito Marista, essa "devoção terna e filial" marca a vida e o comportamento do Irmão de Maria. Não necessário dizer que a formação para o conhecimento e o amor de nosso bom Pai e de nossa "Boa Mãe" constituem dois elementos essenciais na preparação dos aspirantes e jovens religiosos.

 interessante ressaltar que o estilo familial da vida Marista, fundado na herança da simplicidade, uma tradição de paternidade dos superiores e amor filial para com a Boa Mãe, coincide com os ideais contemporâneos da formação vida religiosa:

"O formador com certeza, não ser mais um personagem envolvido no mistério e na presunção...Não ser nem um patrão nem um dominador...Parecer estranho, mas o requisito mais maduro o da paternidade e maternidade espirituais, afetiva, formativa vocacional, como aconteceu na melhor tradição religiosa, nos Padres do deserto at São Bento e São Francisco, Santo Inácio...Dom Bosco...

Portanto, os formadores...devem usar menos palavras, poucos escritos e documentos...Deve abundar neles a vida vivida em conjunto...Essa vida religiosa faz-se...proposta de um testemunho exemplar, nos traços fundamentais de Jesus e dos fundadores...

Tem valor primordial o contacto pessoal contínuo, exemplar e também formativo, como acontecia antes que nascessem esses institutos caros, mas artificiais e separados, que são os seminários, as casas de formação; como acontecia na época dos mestres de artes antes das escolas; como nos tempos dos mestres de vida espiritual..." (O.C., pp.158-159).

Entreter a boa vontade e o fervor.

Paternidade espiritual, formação pela influência de vida direta e a vida compartilhada: os ideais contemporâneos nos levam diretamente prática do Padre Champagnat, totalmente arraigada na autenticidade de vida e fazendo apelo constante boa vontade dos indivíduos. Uma das tarefas importantes dos formadores então de cultivar essa boa vontade fundamental e desenvolv-la sem cessar. Além da meditação e dos exercícios de piedade, a vida religiosa dipõe de meios simples e concretos para manter essa "forma" espiritual. A regularidade tem o merecimento de concentrar a boa vontade do indivíduo no cumprimento fervoroso da vontade de Deus no momento presente. A dedicação, virtude Marista tradicional, impele a doar-se totalmente às tarefas comunitárias e apostólicas de sua família religiosa. Para nosso Bem-Aventurado Fundador, essa virtude resumia as disposições que exigia dos jovens religiosos em formação:

"Nossa sociedade se multiplica cada vez mais: contamos presentemente 176 Irmãos e bom número de noviços e todos parecem bem dedicados" (carta ao Sr.Fontbonne, 16.05.1837).

# A arte da correção

A correção corajosa, feita com tacto, suavidade e amor, um dos meios mais eficazes para manter a retidão fundamental nas almas, corrigindo sem cessar os defeitos e os desvios. Representa assim momentos fortes da formação da qual depende todo o resto. A arte de corrigir identifica-se, de alguma sorte, com a arte da educação. Marcelino Champagnat, que era essencialmente educador, parece ter encarnado essa arte delicada. Na biografia, o Ir.João Batista d boa ilustração desse aspecto importante do Fundador (Cf. 2& parte, cap. XVI). O Padre Champagnat nunca negligencia a correção, mas a faz com notável tacto, muito amor, às vezes com humor, e sempre encorajando.

O depoimento de João Félix Tamet, que tomou o hábito aos doze anos, assumindo o nome de Ir.Silvestre uma ilustração comovente do amor do Fundador para com os jovens, sua paciência infinita para com eles, e na arte consumada com a qual os corrigia e os confirmava na vocação. Esse rapaz turbulento de Saint-Etienne, por suas estroinices, cansou a paciência de todos em l'Hermitage, menos a do bom Padre, que soube inspirar-lhe uma afeição indefectível.

"Rogo ao leitor de prestar muita atenção, nos parágrafos que seguem, a tudo o que o Venerável Pai fez para corrigir os meus defeitos e me conservar na vocação. Ver-se-ão casos de paciência incomparável, que acompanhada da paternidade mais terna, unida firmeza constante, acabou por triunfar de meu caráter leviano, dissipado e que não parecia conveniente vida religiosa...

Dotado de temperamento vivo, estouvado e naturalmente dissipado, ia-me deixando ir, desde os primeiros dias de noviciado a infantilidades e a estravagâncias que não tardaram em atrair da parte do Venerável Pai, conselhos, advertências, ameaças, correções, que não me corrigiram, de maneira que, naturalmente, o V.Pai devia me enviar para casa...

O estouvado corta o caminho ao Padre Champagnat em uma escada, pensando fazer uma farça a um Irmão:

"Esperava, naturalmente, algum castigo exemplar. Pois bem, não aconteceu nada. Quando fui ter com ele, no sábado, para pedir a permissão de costume, disse-me uma palavrinha mordaz e agradável ao mesmo tempo, recomendando-me de ser mais sério e não mais se referiu a esse incidente..."

Depois de narrar outros estouvamentos, o Ir.Silvestre afirma que o bom Pai tinha para com ele afeição muito viva e que diversos Irmãos mais antigos pareciam descontentes de sua longa paciência a seu respeito. (Memórias do Ir.Silvestre, pp. 265-273).

O Ir.João Batista, geralmente mais severo, confirma a "experiência" pessoal do Irmão Silvestre quando jovem:

"Por via de regra, era extremamente indulgente para com os jovens, contanto que os achasse animados de bons sentimentos e que dessem prova de boa vontade" (Vida, 2& parte, cap.XVI, p.243).

Contudo, o Ir.João Batista era pessoalmente muito rijo para ser sensível ao humor do Padre Champagnat. Ao relatar o episódio da escada (p.242) muda totalmente o tom, adotando uma linguagem severa. a! que se constata a superioridade do mestre sobre o discípulo no domínio da formação.

A carta de 23 de novembro de 1834 ao Irmão Dominique uma pequena obra-prima de psicologia prática. O hábil superior tenta, diversas vezes, esvaziar progressivamente os excessos de um temperamento irriquieto. Faz uma correção nítida e completa, mas como bom cirurgião, tem o cuidado de pensar a chaga com humor, para adoç -la com o lenitivo da compreensão paternal, do amor e a evocação de perspectivas espirituais:

"Com um pouco mais de humildade e obediência a vida não lhe iria tão mal. Se o caro Irmão Liguori lhe tivesse dito que todos os Irmãos o tinham parabenizado por ter a voc como colaborador, teria sido tão simplório em acreditar? É, meu caro Dominique, impossível que nossas maneiras agradem a todos...

Não deve pagar um pouco, neste ano, o que voc fez sofrer aos outros que estiveram com você? Voc justo demais pensando que não contraiu dívida alguma. Paciência, caro amigo, paciência! Dentro de alguns dias visit -lo-ei, ajeitarei tudo para o melhor, com a graça de Deus...Coloque-se enquanto espera, entre os braços de Maria; ela o ajudar muito a carregar a cruz". (Ver a explicação da carta, Boletim do Instituto, abril 1974, Tomo XXX, n' 216).

# As provas

A correção poderia ser considerada a pedra de toque da formação porque um dos aspectos mais difíceis e importantes. Em Marcelino Champagnat encarna uma vontade profunda, poder-se-ia quase dizer um instinto de educação, e alia-se naturalmente à necessidade pessoal de autenticidade. A esse título, a correção tem como corolário a prova destinada a verificar a intenção reta fundamental. O Ir.João Batista reuniu igualmente esses dois aspectos da formação no Capítulo XVI da 2& parte da Vida do Fundador, acrescentando como sempre, a expressão de sua própria tendência severidade.

"Se notasse que alguém tivesse tendência para a vaidade, humilhava-o publicamente, ou então o colocava na cozinha, na aula para os principiantes ou em algum emprego manual"...

Queria que tivessem virtude sólida. Por isso, nas instruções voltava sem cessar e, com notável insistência, sobre a humildade, a pobreza, a mortificação e as outras virtudes que despojam o homem de si e de todos os defeitos que se escondem nos recônditos da alma, tais como: o apego vontade própria, a vaidade, o espírito próprio, a amor ao repouso e de tudo o que agrada natureza. Tinha talento raro em descobrir e desmascarar essa espécie de defeitos para inspirar o horror a eles".

Apoiado sobre essas afirmações do biógrafo, aqui vão algumas notas recolhidas pelo Irmão Francisco e que poderiam intitular-se "o pecado dos perfeitos". O campeão da simplicidade de coração levanta-se contra a autocomplacência:

"Uma caligrafia bem feita ousaria gabar-se e esquecer ou desprezar quem a fez?...O que vive mais regularmente deve recear o veneno do orgulho e do amor próprio que lhe poderia causar a morte. O que faz todas as ações com exatidão, piedade e fidelidade deve precaver-se contra os louvores dos homens...A vontade de Deus essa régua de ouro de que fala S.João (Apoc. 11), com que devemos medir todas as nossas ações "(C.O. p. 152).

Essas palavras veementes, o Fundador sabia traduzi-las em atos e criar situações de prova em que o indivíduo vaidoso era obrigado a tirar a limpo suas disposições profundas. Na carta de 1' de dezembro de 1823, achamos alusões ao caso do Ir. João Francisco (Etienne Roumesy), que se envaidecia dos sucessos em Saint-Sauveur, e que o Fundador troucou de casa sem avis -lo de antemão.

"Em Saint-Sauveur, a escola progride sempre mais, embora o Irmão João Francisco não lecione lá".

Infelizmente, esse discípulo dos começos do Instituto (1819), não soube colocar a vontade de Deus acima das satisfações pessoais e deixou o Instituto em 1826 (Cf. Vida, 1& parte, p.176). Este exemplo faz-nos medir a exigência de sinceridade do Padre Champagnat que queria religiosos autênticos, verdadeiros servidores de Deus na congregação.

# Treinamento em vista das dificuldades futuras.

A formação, contudo, est normalmente voltada para o futuro e visa preparar os jovens para a vida e suas provas. Comporta necessariamente um aspecto de exercício, que treina e aguirre os candidatos em vista de situações difíceis de quem, muitas vezes, depende a fidelidade e a perverança. Santo Inácio, que fora soldado, destacou fortemente essa exigência realista. Se o formador souber evitar o artificial e o excesso, os discípulos lhe serão agradecidos, mais tarde, por esse realismo.

Aqui não temos necessidade de nenhuma demonstração. Sabemos bem que além da regularidade e do fervor, l'Hermitage era local marcado por grande pobreza e trabalho manual duro e constante. Aqui vai uma das perguntas que a gente se fazia a respeito de um candidato que pedia para ingressar na congregação:

"Não se teria colocado na idéia de que ter que trabalhar menos na religião do que no mundo? Que estar mais vontade? Que s" ter que rezar, assistir missa, etc, etc. (Carta de 29.03.1835).

Compreendemos que o jovem que marretou os rochedos de l'Hermitage quatro ou cinco horas por dia, durante o noviciado, teve tempo de renunciar a sonhos de vida fácil e encontra-se bastante aguerrido para enfrentar as condições mais difíceis do apostolado.

# A responsabilidade dos Irmãos Diretores

Marcelino Champagnat, o homem da experiência e da vida direta, sabia muito bem que um noviciado fervoroso apenas o começo de uma boa formação religiosa. Sobretudo no começo do Instituto, em que, sob a pressão das necessidades apostólicas, a iniciação vida religiosa podia-se reduzir a alguns meses apenas. Aliás, apesar dos esforços de adaptação, o noviciado permanece sempre um meio mais ou menos artificial em que o candidato acumula, sobretudo, um capital de boa vontade e de fervor que lhe permitir ultrapassar os obstáculos da vida real. A etapa seguinte, que vai do noviciado emissão dos votos perpétuos, torna-se então determinante para a formação religiosa. O jovem est mais em contacto com as realidades da vida comunitária e apostólica e reage com maior autonomia pessoal nas situações difíceis.

" um período decisivo da vida de uma pessoa o que determina, normalmente, a qualidade da vida humana e religiosa, imprime vigor na f e na criatividade, a serviço do apostolado". (O.C., pp.209-210,S.Bisignano).

Dado que, no início do Instituto, o escolasticado não tinha ainda existência regular, a responsabilidade maior da formação dos jovens Irmãos recaía sobre os Irmãos Diretores das casas. Aliás, quando o escolasticado existia, os jovens Irmãos permaneciam um tempo bastante reduzido, essencialmente orientado para a preparação dos exames oficiais. De onde a importância do papel dos Irmãos Diretores, como se depreende dos textos do Ir.João Batista, de certas circulares e antes de tudo, das Regras e Constituições do Instituto.

"O Irmão Diretor far todos os esforços para formar piedade e ciência os que estão com ele"(Regra de 1837, p.28).

Esse programa condensado recebe uma formulação mais detalhada nas Constituições de 1854 (p. 199):

"18. O Irmão Diretor deve formar ciência e virtude os Irmãos que estão sob sua guia; compete a ele firm -los na vocação, dar-lhes o espírito do Instituto, continuar e aperfeiçoar a educação que receberam no noviciado, form -los meditação e às práticas da vida religiosa e dirigi-los nos estudos e no emprego".

Na circular de 9 de fevereiro de 1867, o Irmão Luís Maria comenta esse capítulo IV das Constituições intitulado:"Dos Irmãos Diretores". O objetivo expresso a "Formação dos Irmãos e o espírito religioso". Essas tarefas essenciais repousam sobre os ombros dos Irmãos Diretores que podem facilmente dar-se conta da "gravidade e da estensão de suas obrigações" seguindo os desenvolvimentos abundantes do autor. Após um paralelo entre as funções dos mestres de noviços e dos diretores, o Superior Geral conclui com grande clareza:

"Não receamos dizer: aos mestres de noviços cabe antes a preparação para a educação religiosa do que essa educação propriamente dita. A educação séria dos Irmãos, sua educação prática e continuada não se pode fazer senão nas casas, sob os cuidados assíduos, diários, perseverantes e sempre paternais dos Irmãos Diretores" (p.350).

Como o Ir.João Batista o inspirador principal e mestre de obras dos livros saídos do Capítulo Geral de 1852-1854, de sua pena que achamos a formulação mais importante das tradições formativas que nos ocupam:

"Uma comunidade um corpo moral cuja cabeça o superior e cujos membros são os inferiores...O Superior forma os discípulos a sua imagem e semelhança. O Padre Champagnat tinha seguidamente estas máximas na boca e estava tão profundamente convencido que assegurava que a sorte e o futuro do Instituto residiam inteiramente entre as mãos dos Irmãos Diretores.

Não devemos estranhar se depois disso se motrasse tão prudente e, poder-se-ia dizer severo, na escolha dos Irmãos Diretores, e que considerava como um dos primeiros deveres o cuidado em form -los na direção das escolas e ao governo das casas. (Vida, 2& parte, cap. XVII, pp. 257-259".

O Irmão João Batista enumera, a seguir, as qualidades que o Fundador queria encontrar nos Irmãos Diretores. Podemos ver os atributos de um formador Marista segundo o espírito do Padre Champagnat (e do Ir.João Batista).

"Um bom espírito, grande dedicação ao Instituto, muito jeito para fazer as coisas, amor ordem e economia, fidelidade Regra, verdadeira piedade, e acima de tudo, caridade, humildade e prudência, tais eram as qualidades e as virtudes que exigia de um Irmão para encarreg -lo de conduzir os demais" (Ibid, p. 262).

Se traduzirmos "bom espírito" por "boa vontade", estaremos sintonizados com o Padre Champagnat que privilegiava as qualidades do coração e sua aplicação na vida religiosa prática. Porque a formação Marista est diretamente enxertada na vida, sem nenhum resíduo cultural parasita.

# O Irmão Diretor forma os Irmãos pelo exemplo. Deve:

" ser sempre o primeiro na prática da virtude, o primeiro a guardar o silêncio, a entregar-se ao estudo, a manter a ordem e a limpeza, a trabalhar na horta e a vigiar os alunos..."Deve dirigir os Irmãos, form -los virtude e aos conhecimentos de seu estado, segui-los nos detalhes de sua conduta" (p. 267).

"Um dos primeiros deveres de formar os Irmãos aos diversos empregos do Instituto. Para isso necessário que saiba fazer de tudo, a fim de colocar a mão em tudo e dar em todas as coisas lições práticas, executando perante os Irmãos o que não sabem realizar (p.268).

# O espírito que anima a formação Marista

Finalmente, a autoridade confiada aos Diretores:

"deve dirigir os Irmãos na via traçada pela Regra...e mant-los no dever, no espírito e objetivos do Instituto" (Ibid., p.270).

O Irmão Luís Maria associa muito judiciosamente "a formação dos Irmãos ao espírito religioso", porque, ligado ao meio educativo, um elemento essencial da formação. Ao percorrer os textos muito abundantes relativos a esses dois formadores que são o diretor e o mestre de noviços, achamos os elementos maiores do espírito Marista: humildade, simplicidade, boa vontade, espírito de família e cordialidade, paternidade dos superiores, amor ao trabalho, dedicação, devoção filial boa Mãe.

O mestre de noviços possuir "uma terna e sólida devoção Santíssima Virgem, uma confiança sem limites em sua proteção, fazendo todas as ações em união com essa divina Mãe, dela esperando tudo e recorrendo sua bondade, com a simplicidade de uma criança..." (Constituições de 1854, p.145).

"Uma terna caridade para com todos os discípulos que o leva a am -los e lhes querer bem...como filhos, e servir-lhes de pai e mãe..."(Ibid.,p.147).

Por sua vez, o Irmão Diretor "testemunhar aos Irmãos em toda ocasião toda a ternura de um pai". (p. 190). "Esforçar-se- em conquistar-lhes a confiança por uma grande cordialidade...e mostrar-se- em todas as ocasiões antes um pai do que um superior" (p.199).

"Antes de admitir os postulantes...o mestre de noviços aplicar-se- particularmente a conhec-los...se gostam do trabalho, se têm aptidões para a ciência e uma vontade bem pronunciada de dar-se a Deus" (p. 150).

"...se não forem ainda virtuosos, poderão tornar-se contanto que tenham um desejo verdadeiro e vontade sincera..." (p.151).

Esta última passagem nos conduz praticamente às expressões do Fundador que as utiliza na carta a P.A. Labrosse sobre as condições requeridas para ingressar no Instituto.

"Procurará, acima de tudo, transmitir-lhes o espírito

do Instituto, isto é, form -los ao espírito de humildade e simplicidade, tendo o cuidado...de lhes fazer bem compreender que a humildade e a simplicidade devem ser as virtudes queridas dos Pequenos Irmãos de Maria..." (pp. 169-170).

 certo que a humildade e a simplicidade estão inseparavelmente unidas como o interior e o exterior da mesma realidade. Contudo, útil identificar o essencial do espírito em uma s" palavra: a humildade que deve existir em todo homem de boa vontade. As Constituições de 1854 acham a boa fórmula e a inserem entre as recomendações práticas aos Irmãos Diretores.

"Os Irmãos de Maria não devem jamais sair da simplicidade que o caráter distintivo do Instituto" (p. 196).

Na segunda parte da circular, o Ir.Luís Maria descreve um fato da experiência pessoal que serve como n" de suas exortações. Foi testemunha do entusiasmo suscitado pela chegada a l'Hermitage de uma caixa com livros:

"Ei-los os três, muito alegres e expansivos, de joelhos em volta dessa pobre caixa, ajudando-se a despreg -la; depois, passando-se um depois do outro os livros, os papéis, os objetos e tudo que estava dentro, olhando-os contentes, virando-os em todos os sentidos...Mas o que me impressionou, o que mais me comoveu foi a admiração, foi ver a simplicidade desses excelentes Irmãos, a candura de alma, a admirável inocência que os fazia achar...uma enorme satisfação em coisas tão pequeninas...

Foi para mim uma felicidade lembrar aqui essa cena encantadora de família, de piedade filial que me propiciaram...

Possam Jesus e Maria, banir de nossas relações mútuas o infantilismo e as puerilidades, conservando a singeleza, a simplicidade, a cordialidade do verdadeiro espírito de família. esse bom espírito que deve entrar essencialmente na educação de nossos jovens Irmãos". (Circular de 9 de fevereiro de 1867).

Convém sublinhar aqui essa intuição fundamental do Ir.Luís Maria. Se a vida religiosa, em geral, não existe nos aspirantes, sob os traços concretos do carisma próprio que os novos recrutas a conhecerão de verdade. Ora, um dos elementos essenciais do carisma o espírito concentrado, em nosso Instituto, sobre a simplicidade evangélica.

No primeiro capítulo dos "Avisos, Lições, Sentenças", o Ir.João Batista aplica o exemplo da poda das árvores na formação dos jovens religiosos. "Aqui est a imagem fiel de um religioso que se forma conforme a regra que abraça, segundo o objetivo de sua vocação e que formado para que o espírito do Instituto nele se personifique" (p. 19)

 Somos todos sabedores das expressões que o novo Direito Canônico aplica aos noviços: "vivendi modum instituti experiantur ejusque spiritu mentem et cor informent" (646)

Eis-nos levados ao essecial: a formação ao espírito próprio da congregação. A Igreja espera de nós, especialmente hoje, que demos o exemplo da simplicidade de vida, que o antídoto providencial contra todas as alienações da sociedade contemporânea. A disposição interior correspondente a simplicidade de coração, nutrida pela boa vontade e a sinceridade, que nos orienta ao essencial. Fazer evitar a dicotomia entre a formação e a vida rejeitando as estruturas artificiais e mantendo-nos na autenticidade vital. Uma dose de humor, imitação do Padre Champagnat, nos permitir de não nos tomar muito a sério nós mesmos, nem nossos sistemas, e concentrar nossa atenção sobre as pessoas amando-as fraternalmente. Em suma, poderíamos aplicar formação Marista a fórmula do Padre Champagnat para a educação dos jovens: estar com eles, am -los e conduzi-los a Jesus (com a ajuda maternal de Maria).

# II - OS FATORES DA FORMAÇÃO

#  A pessoa

 Marcelino Champagnat um homem simples cuja vitalidade se expande em nível direto da ação e da afetividade. Sua vida e atividade são fortemente polarizadas para as pessoas. A amizade, o relacionamento paternal ou fraternal constituem uma necessidade para sua alma ardente. Ao ler com atenção a curta circular autógrafo de 12 de agosto de 1837, fica-se surpreso ao constatar que não o estilo administrativo que marca esse texto, mas o tom simples e afetuoso da família.

"Nossas férias neste ano, como no ano passado, começarão em 28 de setembro. Sejam muito exatos para chegar em primeiro de outubro para que procuremos celebrar, na capela, nossa alegria com a maior solenidade possível. Gosto de lhes escrever a respeito dessa determinação conhecendo-lhes a submissão e a docilidade.

Como bom, e me fornece enorme satisfação, caros filhos em Jesus e Maria, de pensar que dentro de alguns dias terei o suave prazer de dizer-lhes, ao estreit -los nos braços...:quam bonum, quam jucundum habitare fratres in unum"...

# O retiro, se for possível, começar em seguida.

Na verdade, trata-se de um convite cordial que se dirige às pessoas e em que o horário bastante relativizado. O Superior deixa margem iniciativa dos Irmãos e faz confiança boa vontade deles. A perspectiva da celebração da festa do Rosário da Boa Mãe, na nova capela de l'Hermitage, constitui, aliás, um acontecimento de família que um convite suplementar. O centro de gravidade deste texto curto parece ser o encontro caloroso do Pai com os filhos.

A correspondência do Fundador guardou os traços de sua afeição para com os filhos. No final de certas cartas escritas de Paris em 1838, achamos uma longa lista de nomes de pessoas a quem o Irmão Francisco est encarregado de transmitir saudações. Este não tendo o caráter afetuoso do superior, neglicencia o recado eatrai com isso uma pequena advertência:

"Não tenho necessidade de dizer-lhe quão caros me são os Irmãos que lhe citei em carta precedente, embora o senhor não faça mênção alguma na resposta" (24.02.1938).

O Padre Champagnat homem realista. Suas relações visam diretamente as pessoas. Possui a arte de penetrar na alma dos Irmãos e de comungar com suas aspirações mais pessoais. Ao partir para Paris, tinha prometido ao Ir.Estanislau de comprar uma bela capa para a capela. Como não pode cumprir a promessa, aflige-se e escreve duas vezes ao Ir.Francisco para que explique as coisas ao Ir.Boaventura, temendo decepcionar esse bom Irmão:

"Tenho vontade de não adquir ainda a capa, se isso não aborrecer demais ao Ir.Estanislau; poderei dizer-lhe a razão de viva voz" (20.05.1938).

O impulsivo Ir.Dominique, que certa vez abandonara l'Hermitage para seguir o Pe.Courveille, foi objeto de uma benevolência particular do bom Padre em seus numerosos momentos difíceis.

"Tomo, meu caro Dominique, tomo muita parte em suas amarguras...Diga, enquanto espera, ao caro Irmão Liguori que a todos levo com muito carinho no coração, que a todos amo muito. E a você, caro Ir.Dominique, sabendo das dificuldades que tem no emprego, os combates que teve de sustentar e o apego que me demonstrou em tantos encontros..." (23.11.1834).

O jovem Ir.Silvestre fez a experiência deliciosa das atenções particulares do Bom Padre para com os Irmãos e narra sua história com muita gratidão. Depois de ano e meio de noviciado agitado, recebe finalmente, aos catorze anos, a primeira nomeação.

"Meu caro amigo, vou enviar voc a Ampuis para cuidar da cozinha e ajudar o Irmão Diretor na aula. um dos melhores estabelecimentos sob todos os pontos de vista. Quando estiver bem a par do emprego, retirarei o Irmão que ir substituir" (Memórias, pp. 278-279).

"Meus preparativos foram feitos de pressa. Em menos de meia hora, estava no quarto do V.P., carregando num saco meu pequeno enxoval. Admirem sua solicitude. Fez com prestasse conta do que levava para ver se não me faltava nada."

O Padre, em seguida, fez montar a cavalo o jovem Irmão e o encaminhou, enquanto ele o seguia a p por caminhos mais curtos.

"Desce do cavalo, coloca-me em seu lugar, ajeita os estribos minha altura, me d as rédeas e me indica a maneira de governar a montaria, recomenda-me de seguir bem a estrada...Dizendo isso, encaminha o cavalo, o conduz durante alguns instantes pela rédea e parte... Não se diria ao ler essa cena que o superior desaparece para ceder lugar ao pai em relação ao inferior?"

O Ir.Silvestre encontrou o termo justo. O Fundador um pai que tem solicitude particular para cada um dos filhos, por quem se sente amado de maneira especial. Achamos assim as condições educativas da família em que cada um pode desenvolver sua personalidade original. assim que temos a feliz surpresa de constatar, em uma época em que se receava a liberdade, que os filhos do Padre Champagnat conservaram a personalidade própria e, por vezes, dão prova de uma bela independência: são "iguais, livres, maiores" no dizer do poeta. ainda o Ir.Silvestre quem fez a experiência, menos feliz dessa vez:

Em 1848, estava testa do escolasticado que funcionava juntamente com o juvenato, em Grange-Payre, desde o ano precedente. Tinha-se empenhado em preparar os jovens Irmãos e outros menos jovens ao famoso brevê. O zelo um pouco ingênuo o impeliu a expor as composições dos Irmãos-alunos em l'Hermitage, onde acabava de passar o domingo.

"Os veteranos, sempre em último lugar, ficaram magoados...O quadro mural foi posto em pedaços e os restos foram lançados no "lugar" durante a noite de sábado para domingo. O alvoroço foi grande na casa. O Ir.João Batista chegou três dias depois. Disse que os mais antigos eram os "indisciplinados (fortes têtes)" do Instituto...Foram mandados para as casas...

Interrogado sobre esse fato, o Ir.Dominique (veterano) respondeu: "Esse prosinha, esse sujeitinho (Ir.Silvestre) fazia pouco caso de nós. Foi-lhe dada uma lição. Foi bem feito!" (Resumido dos Anais, pp. 355-356).

# A Comunidade

A aspecto familial talvez o mais característico da forma de vida religiosa instaurada pelo Padre Champagnat. Seu caráter ativo e afetuoso o orientava para isso naturalmente. Acima, citamos exemplos da paternidade ardorosa e dedicada para com os discípulos. A aliança desse amor com a simplicidade, que caracteriza os Irmãos de Maria, cria as condições para a vida familial: transparência e benevolência recíprocas. necessário acrescentar a maternidade da Santíssima Virgem por quem os Irmãos professam devoção filial marcante. ela o centro de unidade, mais do que o próprio Padre Champagnat:

"Estão convencidos, ao menos deveriam estar de que amo a todos ternamente. Quero, desejo ardentemente que nos amemos uns aos outros como filhos do mesmo Pai, que Deus, e da mesma Mãe, que a Santa Igreja. Enfim, não ser dizer tudo em uma palavra, Maria nossa mãe comum. Poderia ela ver com olhos indiferentes que conservemos alguma coisa no coração contra um dos que Maria ama mais do que nós, talvez?" (Carta ao Ir.Dénis, 05.01.1838).

O Fundador exprime seu pensamento com mais clareza ainda em artigo de regra do caderno n' 5:

"Os Irmãos de Maria terão uns para com os outros uma afeição cordial como convém aos filhos de Maria" (p. 20).

A dedicação, virtude comunitária por excelência, impele os Irmãos todos os dias, e durante o dia todo, a consagrar-se de corpo e alma sua família religiosa, sobretudo, pela prática do trabalho manual.A isso preciso acrescentar a vitalidade, o ardor juvenil e o bom humor que reinam em l'Hermitage. A espiritualidade do padre Champagnat, feita de transparência, de boa vontade e de abandono filial a Deus e Boa Mãe, cria esse ambiente favorável em que as almas podem expandir-se sem limites. Cremos de bom grado o jovem Irmão Silvestre quando diz, ao regressar a l'Hermitage, depois de uma pequena tentativa numa casa:

"Acrescentarei que essa mudança fraudulenta - seu Irmão Diretor desfez-se dele pela astúcia - não me causou mágoa alguma, porque amava de todo coração a casa mãe, e ademais, essa ausência de dois meses fez-me apegar a ela ainda mais" (p. 284).

Ingressando em l'Hermitage, o candidato recebido e como que impelido por uma comunidade fervorosa, em que todos se sentem responsáveis. O Ir.Silvestre menciona que diversos Irmãos pareciam descontes com a grande paciência do Fundador a seu respeito (p.273). Com efeito, fora dos estudos e dos exercícios religiosos em comum, os noviços eram entregues aos responsáveis pelos diversos trabalhos manuais durante boa parte do dia. Uma nota do Padre Champagnat faz pensar nas dificuldades que poderiam surgir nesse domínio:

"Os Irmãos noviços faltam de submissão, de respeito aos Irmãos mais antigos que fizeram votos?" (Caderno n' 8, p.50).

Além dos que eram diretamente responsáveis pela formação como o Irmão Luís, o Ir.Francisco, o Ir.Boaventura, a comunidade contava com verdadeiros santos, como o Ir.Estanislau, factotum do Fundador, e o Irmão Jerônimo, o condutor de veículos. Visto que este último, sendo postulante, hesitasse na vocação, o Fundador para o reter, o confiou a um Irmão empregado em trabalhos braçais.

"O Padre Champagnat fez chamar um Irmão piedoso e inteligente que estava encarregado da cozinha e lhe disse: Vou enviar-lhe um postulante que estimo muito e que possui todas as qualidades para tornar-se um bom Irmão...Vou dizer-lhe de ir cozinha e voc vai ocup -lo e far o possível para conquistar-lhe a confiança e decidi-lo a perseverar na vocação" (Vida, 2& parte, cap. XVIII).

Finalmente, o Padre Champagnat conseguiu persuadir esse postulante em quem depositava muitas esperanças. Fez at retardar a tomada de hábito para dar-lhe tempo de se preparar melhor. O homem de Deus tinha-se dado conta de que esse jovem tinha o estofo de um santo. A seguir, tornou-se modelo de dedicação, retidão, simplicidade, pureza de alma e oração contínua (cf. pp.285-286).

Com a irradiação do santo Fundador, l'Hermitage era verdadeira e integralmente uma casa de formação.

# O zelo

A comunidade de l'Hermitage era uma família, mas uma família essencialmente apostólica. A curta circular, j citada, de 12 de agosto de 1837 o destaca com vigor:

" bem suave, a consolação de v-los todos reunidos, não formando senão um coração e uma alma, não compondo senão uma família, apenas procurando a glória de Deus e o interesse de sua santa religião, combatendo todos sob o mesmo estandarte, o da augusta Maria".

(Reencontramos aqui a substância da divisa da Sociedade de Maria, que o Padre Champagnat reproduz de boamente, ao mesmo tempo que traça as diretivas do dinamismo apostólico inaciano).

Se l'Hermitage um verdadeiro mosteiro, cuja regra poderia ser resumida pela divisa beneditina tomada ao inverso "Labora et ora", toda a vida estava orientada para um objetivo apostólico: a educação crist dos humildes. Não se faz mister dizer que isso era verdade para os noviços que estavam se preparando ativamente pela formação oração, o treinamento vida religiosa e aquisição dos conhecimentos diretamente utilizáveis. Mas a comunidade essencialmente composta de simples trabalhadores manuais cuja vida igualmente animada pelo zelo apostólico. Sabem muito bem que o fruto de seu trabalho permite reduzir ao mínimo o tratamento dos professores e de procurar assim o benefício da educação aos humildes e aos pobres. Não havia dicotomia entre Irmãos professores e Irmãos trabalhadores manuais: todos se empenhavam nos trabalhos manuais e participavam no esforço apostólico.

A compaixão pelos pobres, os órfãos, os jovens abandonados, os doentes, um aspecto complementar do carisma de Marcelino Champagnat. Em La Valla, começou a acolher meninos mais ou menos abandonados:

"O Irmão João Maria reuniu dois pequenos pobres". (Notas do Pe.Bourdin).

Não teve bom êxito quando se propôs anexar ao noviciado de l'Hermitage um orfanato como um centro de aprendizagem. Contudo, o cuidado pelos pobres est sempre presente no Instituto, além da educação crist que se lhes garante, fazem-se coletas de roupas em favor dos carentes. A partir de 1833, um pequeno asilo para velhos construído sobre o terraço da enfermaria.

A virtude do zelo, do zelo pela educação crist dos humildes, uma virtude primordial do Irmão Marista. Com efeito, um movimento de compaixão pelos jovens desprovidos de meios de instrução e educação crist verdadeiras que pôs em movimento o Bem-Aventurado Fundador. "Quanto bem podem fazer!" repetia aos discípulos (Cf. carta de 03.01.1831). O ideal seria que os jovens em formação pudessem refazer a experiência vital do Fundador e de seus primeiros discípulos, e ouvir o clamor dos pobres, dos jovens abandonados, dos órfãos...

# Jesus e Maria

 Nosso Bem-Aventurado Fundador era homem simples que não vivia de abstrações, mesmo teológicas, mas levava tudo ao nível da vida concreta. Ao lado do grande sentimento do bom Deus, sentia necessidade da mediação da Encarnação. Foi assim que, ao pregar no domingo da Santíssima Trindade,passa rapidamente em seu sermão para a preparação da festa do Corpo de Deus e do Sagrado Coração. Suas notas nos orientam essencialmente para a Eucaristia e a santa comunhão.

Tem-se a impressão de que as pessoas de Jesus e de Maria, que constituem o objeto habitual de sua devoção, descem verdadeiramente ao nível da existência humana e formam o seu prolongamento ideal. Habitualmente as nomeia em conjunto, Jesus e Maria formam assim uma unidade de Encarnação. sobretudo o caso no final das cartas em que os sagrados Corações de Jesus e Maria tornam-se o lugar dos encontros espirituais.

"Deixo-vos nos sagrados Corações de Jesus e Maria; são lugares tão bons e a! nos sentimos tão bem" (23.11.1834).

Esse abandono filial a Jesus e Maria um aspecto importante da espiritualidade do Fundador. Em 1827, escrevendo ao Pe.Cattet, vigário geral, para solicitar-lhe um colaborador, conclui assim o pedido:

"Depois de t-lo posto a par das coisas, e como poderão virar, fico sossegado confiante no Senhor e sua santa Mãe, e sempre bendirei seus santos nomes".

 por intermédio de Jesus e Maria que o Fundador gosta de expressar sua paternidade com referência aos discípulos. Aqui vão o princípio e o fim da primeira carta que dele conservamos:

"Meus caros filhos em Jesus e Maria...

Asseguro-lhes que serei sempre com prazer e satisfação

o pai dedicado em Jesus e Maria". (01.12.1823).

Jesus e Maria são os vínculos diretos da consagração religiosa dos Irmãos. O diálogo da vestição, escrito do punho do Fundador em 1834, contém essa exortação simples e veemente:

"D - Para vocês, revestir o hábito que solicitam com insistência, necessário morrer para o mundo... e para vocês próprios e não viver senão em Jesus e Maria.

"R - Desejamos ardentemente que Jesus e Maria sejam nosso único tudo e que todo o resto não seja mais nada".

Um pouco mais adiante lemos:

"Têm muita razão de estarem satisfeitos, porque, desde este momento, Maria se torna de maneira particular sua Boa Mãe e Jesus Cristo o Esposo da alma de vocês."

O Fundador repete de bom grado que o Instituto obra de Maria. Na carta ao Ir.Antônio, de 4 de fevereiro de 1831, o exprime com a familiaridade que chega ao humor:

"Diga-lhe, depois que tiver feito o possível, tanto pior para ela se as coisas não andam".

A circular de 21 de agosto de 1838 expõe com riqueza essa consagração a Maria; o Fundador sempre exprime seu apego aos Irmãos na perspectiva da união com Jesus e Maria:

"Venham reunir-se e aquecer-se no santuário que os viu tornar-se filhos da mais terna das mães. com a maior alegria que os veremos renovar no mesmo espírito e protestar a Maria que todos querem viver e morrer sob seus auspícios, depois de ter guardado fielmente a palavra que empenharam solenemente. na união de Jesus e Maria que meu coração, em doce expansão, vem dizer-lhes, meus caros Irmãos, quanto os amo".

Na carta a um jovem Irmão, de 20 de julho de 1839, o Padre Champagnat assoacia expressamente a prática dos votos a uma devoção pessoal a Jesus e Maria (ver adiante).

A carta ao postulante P.A. Labrosse, de 29 de agosto de 1831, coloca toda a vida Marista sob a égide da Santíssima Virgem.

"Far o bem em nossa casa; Maria, nossa Boa Mãe, o protegerá, e depois de t-la tido por primeira Superiora, a ter por Rainha no céu".

O apostolado da educação crist est também diretamente em relação com a união pessoal a Jesus e Maria.

"Como grande seu emprego! Como sublime! Estão sempre com os que faziam as delícias de Jesus, porque proibia expressamente aos discípulos de impedir as crianças de virem a ele. E você, caro amigo, não apenas não quer impedir, mas faz esforços para conduzi-las a ele. Oh! como ser bem recebido, por esse divino Mestre, esse Mestre liberal, que não deixa um copo de água fria sem recompensa.

Diga a suas crianças que Jesus e Maria as amam muito; as que tem bom procedimento porque se assemelham a Jesus Cristo que infinitamente perfeito; as que não procedem bem, porque ficarão melhores. Que a Santíssima Virgem as ama porque a Mãe de todos os que freqüentam nossas escolas". (Carta ao Ir.Bartolomeu, 21.01.1830).

O discípulo do Padre Champagnat sabe que est a serviço de Jesus e Maria e que colabora com eles na santificação dos meninos:

"Eles (os meninos) apenas têm que abrir o coração e Jesus e Maria os replenarão de favores". (04.02.1831).

 claro que temos aqui um elemento importante da espiritualidade do Padre Champagnat e seus discípulos. Perfila-se, aliás, perfeitamente na linha da simplicidade Marista. Nossa vida religiosa nutre-se do diálogo constante e afetuoso com Jesus e Maria, antes do que de elevadas considerações teológicas. Não sempre fácil de não esquecer isso na formação dos jovens religiosos. E que não se invoque imediatamente a influência da Escola Francesa e dos Sulpicianos. Jesus e Maria estão sempre unidos na piedade e na linguagem dos simples fiéis. Constatamos

pois, mais uma vez, que a piedade popular uma das fontes

mais importantes de nossa vida espiritual.

# III - OS ASPECTOS DA FORMAÇÃO

# Formação vida religiosa

Podemos distinguir três grandes etapas no desenvolvimento da vida religiosa através da história. Os primeiros anacoretas eram essencialmente pessoas que buscavam a Deus; seu ideal poderia resumir-se pela divisa:"Deus só". Na etapa seguinte, dão-se conta que para praticar as virtudes e ser verdadeiramente cristão necessário viver em comunidade com os outros. Vemos então surgir inúmeros mosteiros, regidos pelo grande mandamento do amor de Deus e ao próximo. Ao transpor os limites do mosteiro a caridade toma a forma de compaixão crist para com os doentes, os pobres, as crianças, e do zelo apostólico para a conversão dos pagãos. Nos tempos modernos, a maior parte das novas congregações são animadas por um ideal de serviço apostólico que sintetiza e exprime conjuntamente o amor de Deus e do próximo.

O ideal religioso proposto por Marcelino Champagnat aos discípulos participa das três fontes que alimentam a vida consagrada, embora tenha criado sua obra diretamente para o apostolado.Possuía um alto sentido da consagração a Deus e do serviço litúrgico da oração. O nome dado pelo próprio Fundador casa mãe representa todo um programa: l'Hermitage de Notre-Dame. J fizemos observar que l'Hermitage era um verdadeiro mosteiro cuja vida regrada pela divisa beneditina tomada ao avesso:Labora et ora. A capela era, alías, o centro e o coração do estabelecimento, seguindo as mais autênticas tradições monásticas. A oração, o estudo, o trabalho manual sucediam-se segundo um ritmo de uma regra observada com amor, como expressão da fidelidade atual a Deus e vocação.

Achamos a formulação dessa convição "monástica" do Fundador na carta ao vigário geral Cholleton, de 8 de setembro de 1834:

"Sabe melhor do eu, o peixe não pode viver muito tempo fora da água: apenas o retiro e a meditação das grandes verdades podem manter o espírito religioso".

Essa reflexão do Fundador nos lembra que uma vida religiosa autêntica nunca pode renunciar ao abastecimento regular no recolhimento e na oração. Contudo, gonzo da vida monástica, o ideal comunitário talvez mais marcante na obra do Padre Champagnat. Homem de coração, verdadeiro pai para os Irmãos, possuía o dom de comunicar esse calor humano e sobrenatural que transforma uma comunidade em verdadeira família. A comunidade de l'Hermitage era uma dessa famílias que se deixa com pesar e na qual se retorna com saudade (Cf. acima).

Os noviços viviam mergulhados nessa "família religiosa" animada por um santo. Aliás, participavam ativamente pela oração em comum e as numerosas horas de trabalho manual ao lado desses Irmãos da comunidade. A dedicação fervorosa ao bem, em vista do apostolado junto aos pobres, era excelente meio de inserção. Porque, mau grado os aspectos monásticos, l'Hermitage de Notre-Dame era uma comunidade apostólica em que tudo era ordenado para o ideal da educação crist dos humildes.

Aqui ainda podemos achar traços dos gostos religiosos pessoais do Fundador. Na carta de 24 de março de 1838, expressa sua admiração pelo Seminário das Missões Estrangeiras que o abriga em Paris. Encontra a! o fervor religioso, a vida fraternal, o impulso apostólico que entusiasmam:

"Estou alojado no Seminário das Missões Estrangeiras onde me sinto muito bem. Asseguro-lhe que se não soubesse que faço um pouco de falta em l'Hermitage, solicitaria para acabar meus dias aqui. Acompanho o regulamento da casa tanto quanto minhas saídas o permitem. Levanto-me ao som do sino, assisto meditação e aos outros exercícios espirituais, às refeições, aos recreios... Estou sumamente edificado pela dedicação generosa dos que se destinam às missões longínquas. Que caridade amável reina entre eles! São alegres, mas sem leviandade ou dissipação. Tudo o que parece retardar a partida os inquieta, mas não os desanima".

A admiração do Fundador pelo Seminário das Missões Estrangeiras de Paris revela, sem dúvida, a imagem ideal de uma casa de formação que trazia na alma e que tentava realizar em l'Hermitage. A formação principal do noviço consistia então em comungar dessa vida religiosa e comunitária fervorosa e desse impulso apostólico junto aos mais pobres que era a alma do estabelecimento. Quanto formação prática dos votos, era igualmente assegurada pela vida e pela organização da casa.

A pobreza incarnava-se no regime de vida simples e frugal, bem como no trabalho manual, ao qual se consagrava a maior parte do dia. A preocupação com os pobres estava sempre presente em l'Hermitage pelos socorros que lhes eram prestados e pela educação crist que se lhes levaria mais tarde.

A castidade exigente estava incluída na consagração fervorosa a Deus, destinada educação crist dos meninos e sobretudo pela devoção filial Boa Mãe.

"A felicidade de ser filho de Maria vale bem a pena de algum combate e algum sacrifício. Diga a a Maria que a honra de sua sociedade exige que ela o conserve como um anjo" (Carta a um jovem Irmão, 20.07.1839).

O Fundador era também exigente com a virtude da obediência, que exprimia a seus olhos toda a consagração religiosa, com sua caraterística de radicalidade.

"A obediência torna a alma santa, impecável e inseparável de Deus. Não haveria outra maneira de me afastar de Deus do que em me afastando da obediência. Por essa virtude, voc se prepara de maneira maravilhosa a emitir os votos" (Ibid.),

 claro que o Fundador visa aqui a obediência como cumprimento perfeito da vontade de Deus, que faz os cristãos e os santos. Expressa isso com vigor a seguir:

" a Jesus e Maria que voc obedece, sem isso, por toda a vida seria um mau religioso. (Ibid.) Digamos melhor, não ficaria por muito tempo religioso".

O rigor da obediência Marista suavizado pela referência direta a Jesus e Maria bem como por esse caráter familial importante que marca nosso relacionamento comunitário:

(Obedeça de bom coração"(Ibid.).

Inteiramente implicada na vida cotidiana da casa, a obediência em l'Hermitage era também fortemente comunitária (monástica), ao mesmo tempo que apostólica, pela orientação imediata de toda a vida dos Irmãos. Assim os noviços participavam em tudo da vida da comunidade fervorosa, animada pelo Fundador em pessoa. Era provavelmente o melhor meio de embeber-se do espírito do Instituto e para entrar nesse movimento de zelo pela educação crist dos humildes que sustentava todas as atividades dos Irmãos.

# Formação oração

O aspecto comunitário da vida religiosa foi notável desde os primórdios do Instituto. Foi, portanto, a oração comunitária fervorosa o fator principal na formação dos noviços piedade. Aqui ainda, o Padre Champagnat arrastava os Irmãos pelo exemplo de seu fervor. Sua piedade contagiante atraía at as pessoas de fora para a capela de l'Hermitage. O Fundador tinha, aliás, um gosto pronunciado pelas celebrações litúrgicas, que eram bem ordenadas, dignas e fervorosas. A capela construída em comunidade e cuidada com amor, era verdadeiramente o coração da casa de l'Hermitage. Além da missa cotidiana, e da adoração comunitária ao Santíssimo Sacramento depois do almoço, os Irmãos faziam numerosas visitas capela durante o dia. Era a ocasião de dirigir uma oração cordial Santíssima Virgem.

Talvez seja o momento de destacar que a piedade do Fundador e dos discípulos tinha três orientações principais: 1' - sentido profundo de Deus, que sustém os sentimentos religiosos primordiais: adoração, fé, esperança, amor, etc. 2' - um culto privilegiado e assíduo da Eucaristia; 3' - uma devoção filial Santíssima Virgem. (A fórmula dos "três primeiros lugares", que evoca diretamente a Escola Francesa, não encontra confirmação nos documentos diretos).

É, aliás, de supreender quão pouco o Bem-Aventurado Fundador fosse influenciado pelo ensino sulpiciano que veicula essencialemnte essa teologia. Comprende-se melhor ao pensar que o espírito prático de Marcelino Champagnat não sentisse atrativos para a especulação intelectual elevada. Pelo contrário, testemunha grande afinidade com S.Francisco de Sales, também homem de coração. Nos esboços das regras, empresta da "Introdução Vida devota" o método de meditação, bem como os meios para assistir ativamente a missa. Esse consiste essencialmente em passar em revista a vida e a morte de Nosso Senhor, seguindo as diversas partes do santo sacrifício.

O método de meditação foi retomado pela regra impressa em 1837, e, com transformações detalhadas, foi oficialmente seguido no Instituto at às mudanças decorrentes do Vaticano II. Depois de um ato preliminar de se colocar na presença de Deus, o corpo da meditação contava reflexões, afeições ou orações, e resoluçõe. A meditação terminava por uma ato de agradecimento e o "ramalhate espiritual".

Qualquer atividade humana comporta um aprendizado e os iniciantes terão sempre necessidade de um método. Na realidade, este nunca abandonado, mas assimilado pelo indivíduo medida que vai amadurecendo pessoal e espiritualmente.

Por vezes, se esquece que os Irmãos Maristas não estão nas condições da vida contemplativa. H casos em que devem fazer esforço enorme para deixar a esfera das preocupações terrestres (temporais), e criar um ambiente psicológico favorável oração.

A meditação, como exercício sistemático era preconizado, entre outros, por São Francisco de Sales, que dirigia pessoas que viviam no mundo e por Santo Inácio de Loiola, que destinava seus religiosos ao apostolado nas condições mais difíceis.

Nessas condições, o "exercício" da meditação comporta um complemento obrigatório de vigilância sobre si mesmo e de recolhimento em meio às ocupações do dia. São Francisco de Sales preconiza o "retiro espiritual". A tradição escrita do Instituto reteve o exercício da presença de Deus na fórmula corrente do século XIX: "Deus me vê". Olhando isso de perto, percebe-se que o exercício da presença de Deus apenas uma fórmula para designar a união com Deus e a vida interior. O título dado pelo Ir.João Batista ao capítulo V da segunda parte da Vida o sugere expressamente: "Seu recolhimento e atenção em conservar-se na presença de Deus".

O importante então de achar o meio pessoal da união com Deus de Marcelino Champagnat e seus discípulos. Ora, achamos traços dessa oração íntima nos manuscritos do Fundador sob a forma de rabiscos nas margens. a expressão: "Sabeis " meu Deus", que, com suas variantes, sustém e nutre os diálogo entre a alma e Deus. um impulso para Deus na simplicidade de coração, que oferece ao olhar do Pai celeste o momento presente com suas dificuldades. Na realidade, trata-se de um movimento de abandono filial na transparência da alma, do amor confiante e da consciência de sua própria fraqueza que caracterizam as crianças.

Estamos, portanto, em face de uma forma de infância espiritual que prolonga as raízes no discurso evangélico sobre a Providência (Mat. cap. VI).

"Não vos aflijais...Vosso Pai celeste sabe que necessitais de tudo isso. Buscai em primeiro lugar o reino de Deus e sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo" (VI 31-33).

Há, portanto, uma maneira de rezar que se pode chamar Marista e que deve informar todo nosso comportamento religioso. a simplicidade de coração da criança que se lança espontaneamente para o Pai celeste, mesmo em meio às ocupações e cuidados da vida. A transparência de alma elimina a fronteira entre o temporal e o espiritual e nos faz viver a existência terrestre sob os olhos paternais de Deus. "Sabeis, meu Deus, em que situação me acho, conheceis minha boa vontade e pobreza; abando-me vossa sabedoria e bondade paternais".

A devoção filial Boa Mãe est em perfeito acordo com essa atitude espiritual. Pode-se mesmo afirmar que a devoção a Maria que a melhor expressão dessa infância espiritual evangélica que, em nível humano, tem suas raízes na simplicidade Marista.

Para completar o quadro da formação oração no noviciado de l'Hermitage, necessário mencionar as instruções que o Padre Champagnat fazia comunidade nos tempos fortes do ciclo litúrgico e, sobretudo, no retiro anual. Essas conferências caracterizavam-se pela simplicidade, fervor e aplicação direta vida.

O Padre Champagnat era igualmente confessor e diretor espiritual da maioria dos Irmãos. Seu equilíbrio prático e bondade paternal eram muito apreciados pelos jovens. Aqui vai a lembrança do Irmão Eutímio, que fez o noviciado no tempo do Fundador:

"O zelo do servo de Deus para formar os jovens que o bom Deus lhes confiara não tinha limites: em primeiro lugar, nos formava piedade, às virtudes e às obrigações da vida religiosa...Tinha então apenas 14 anos e meio. Deixara no mundo o pai a quem eu queria muito, e encontrei outro na pessoa do servo de Deus.

Muitas vezes, era no santo tribunal da penitência que seu zelo se mostrava a meu respeito: apertava-me contra seu coração ardente de caridade. Não esqueci a palavra que me repetiu seguidamente: Deus lhe fez uma grande graça ao cham -lo vida religiosa, cabe a voc corresponder-lhe..."

Nas memórias, o Ir.Silvestre traz mais precisão ao depoimento precedente:

"Era assim que com o V.Padre a sós se fazia a direção cada quinze dias, seja em confissão, seja fora do santo tribunal" (p. 264).

Embora o Padre Champagnat associasse diversos jovens padres Maristas na formação dos noviços em l'Hermitage, o trabalho fundamental cabia ao Fundador e aos discípulos imediatos: os Irs.Luís, Francisco e Boaventura.

Formação catequética e escolar.

Em l'Hermitage, a formação religiosa e espiritual dos noviços estava intimamente associada preparação direta ao apostolado. Marcelino Champagnat era um homem de Deus marcado pelo zelo; tinha fundado os Irmãos Maristas diretamente para o apostolado da educação crist dos humildes. Nesse começo da era moderna, as escolas cristãs repondiam a uma necessidade urgente. O tempo de formação direta estendia-se de alguns meses a um ano e comportava um programa muito intensivo. O estudo da religião estava inserido no programa global da formação do professor religioso.

Em nível de objeto dos estudo religiosos, o Padre Champagnat distingue de boa vontade a oração e o catecismo, tanto para os Irmãos como para os alunos. Isso nos deveria sugerir a importância que nosso Bem-Aventurado Fundador dava oração no quadro da formação religiosa. No programa do dia, havia dois tempos de estudos, destinados sobretudo a aprender de cor um grande número de orações usuais, em francês e em latim.

A lição diária de catecismo era colocada no fim da tarde e durava três quartos de hora. Tiradas das tradições do seminário, foram adotadas as "domingueiras", que consistiam em espécie de concurso repetitivo sobre o programa da semana.

Por outra parte, o horário comportava dois momentos para a leitura do Evangelho e da Bíblia, além da leitura espiritual regular. Além disso, liam-se continuamente as vidas dos santos e a história dos Padres. As notas do Irmão Francisco testemunham o grande proveito que os Irmãos estudiosos podiam retirar para sua formação religiosa. Os assuntos de meditação e as conferências que ressaltavam as celebrações litúrgicas podiam igualmente completar a formação religiosa dos jovens Irmãos.

Não sei se os noviços tentavam dar lições de catecismo perante os coirmãos. provável que tenham sido enviados aos povoados vizinhos onde pudessem exercer seu zelo em circunstâncias menos artificiais. O Irmão João Batista atesta que os Irmãos das casas, além dos catecismos dados duas ou três vezes por dia em aula iam ainda, particularmente às quintas-feiras e aos domingos, dar o catecismo nos povoados da paróquia" (Vida, 2& parte, cap. XX, p.332).

Mas o verdadeiro adestramento dos jovens Irmãos para o ensino do catecismo e das outras matérias fazia-se no decorrer do primeiro ano de comunidade onde, além de cuidar da casa, iniciavam-se pouco a pouco ao ensino. A seguir, assumiam eles próprios a responsabilidade de uma classe, sob a égide vigilante e paternal do Irmão Diretor.

Segundo um elemento importante da tradição Marista, o educador se forma e se treina em relação direta com as necessidades concretas do apostolado. Nisso h um selo de autencidade que elimina a preparação artificial. Aliás, a arte de catequista mais a maneira do que a preparação doutrinal e pedagógica. A alma da catequese a transmissão de uma f viva e ardente; com a ausência desse impulso de zelo, as fórmulas se esvaziam de conteúdo e o ensino do catecismo apenas se torna repetição enfadonha.

Eis aqui algumas palavras recentes de João Paulo II sobre as disposições fundamentais do catequista:

"...uma atitude de f e de amor, que adere revelação e que deseja comunic -la. O espírito de f essencial a toda catequese cristã... a f que forma a alma da catequese e inspira todo o esforço religioso...(Observador Romano, 17.01.1985).

Marcado pelo dinamismo de vida, Marcelino Champagnat era catequista nato, que tinha o segredo da transmissão viva da doutrina da fé. Sua simplicidade e bondade achavam facilmente o caminho dos corações para comunicar-lhes as convicções ardentes de sua alma. Entregou-se catequese desde os primeiros anos do seminário, e numerosos testemunhos afirmam que jovens e velhos escutavam de bom grado suas instruções simples e práticas.

"Foi do Padre Champagnat, então coadjutor em La Valla, meu lugar de nascimento, que recebi os primeiros elementos de instrução profana e religiosa. Foi ele que me preparou primeira comunhão; e me lembrarei sempre, com felicidade, que nos conduzia duas vezes ao dia a uma capelinha solitária, afastada do povoado. A! nos instruía, nos fazia cantar, rezar, guardar o silêncio, etc. todas coisas essas que me faziam grande impressão" (Cláudio Maria Tissot, padre).

Os jovens Irmãos deviam, portanto, recolher de sua maneira marcada pela autenticidade, o fervor e o sentido do diálogo com o auditório. Encontram a mesma característica no catecismo dos Irmãos que lhes serviam de modelos nas casas. No dizer do Ir.João Batista, os discípulos do Padre Champagnat eram excelentes catequistas.

"As lições do bom Padre sobre a maneira de apresentar o catecismo, produziram frutos abundantes. Os primeiros Irmãos distinguiram-se todos pelo zelo na instrução crist das crianças e por um talento especial em form -las virtude.

Em certa paróquia, uma mãe de família que se tinha recusado de enviar os filhos na escola dos Irmãos, pela razão que esses eram muito jovens, veio um dia encontrar o vigário e lhe disse:"Embora os Irmãos sejam apenas rapazes, preciso confessar que dão admiravelmente o catecismo...Estou, por isso, decidida a conduzir desde amanh meus três filhos na escola dos Irmãos" (Vida, 2& parte, Cap. XXIII, p. 383).

Os jovens Irmãos recolhiam, assim, o zelo ardente do Fundador para a catequização dos meninos que soube transmitir tão bem aos primeiros Irmãos. Aqui vai a exortação que dirige ao jovem Irmão Eutímio que inicia os primeiros passos no apostolado:

"Pense também como importante seu curso infantil, depende de voc formar religião todas as crianças sob seus cuidados; depende de voc abrir-lhes ou fechar-lhes o céu. Vise portanto, caro amigo, a edific -los, a rezar por eles, a imprimir fortemente a obra de Deus em seu jovem coração". (19 de março de 1837).

Contudo, na lógica de uma preparação imediata ao apostolado da educação cristã, as matérias essenciais do ensino primário alternavam, no noviciado, com os exercícios religiosos, o estudo da doutrina cristã e o trabalho manual.

Quando os jovens chegavam ao noviciado em boas condições, sabiam passavelmente " ler e escrever", segundo a expressão da Regra de 1837. Era necessário, portanto, assegurar-lhes as bases do ensino primário pelo treino diligente da leitura, escrita, gramática, ortografia e cálculo. Completar-se- essa iniciação com o estudo pessoal, segundo as exigências do ensino público em via de organização.

A lição de canto tinha também seu lugar no horário do dia. Destinado, antes de tudo, animação da oração e da catequese, o canto trazia uma nota de s alegria no programa então austero do ensino primário.

No que se refere ao método pedagógico global dos discípulos do Padre Champagnat caracteriza-se por uma expressão que achamos na carta de 1' de dezembro de 1823, a primeira do Fundador que nos chegou:

"A vida em Tarentaise também vai bem. As crianças dizem que o Irmão Lourenço era bom menino, mas que este (o sucessor) ainda mais".

A simplicidade e a bondade que contém a expressão "bom menino" criam um ambiente de família, em que as relações são autênticas, repletas de transparência fraterna e benevolente. Temos então as condições ideais para a eficácia global da educação crist Marista que podemos resumir por uma fórmula tirada da carta de 21 de janeiro de 1830 ao Ir.Bartolomeu: estar com as crianças, am -las, conduzi-las a Jesus (com a ajuda maternal de Maria).

# Formação aos trabalhos manuais

No noviciado de l'Hermitage, o programa diário compreendia o trabalho manual e o estudo na mesma proporção: 5 - 6 horas. Essa particularidade, que escandalizava os confrades do Padre Champagnat, dos traços mais característicos de seu método de formação. Esse fundador de um instituto ensinante, forma os candidatos, desde o primeiro dia, a diversos trabalhos e ofícios manuais. Compreende-se melhor, quando se sabe que o Padre Champagnat destina seus Irmãos, antes de tudo, às comunas pobres em que as crianças freqüentam a escola apenas no inverno, entregues ao trabalho na estações mais agradáveis. então normal que os futuros mestres se preparem ao mesmo ritmo de vida. Serão professores-trabalhadores.

Entre as condições requeridas para ingressar no Instituto, o Fundador sublinha o amor ao trabalho. Faz notar ao postulante que não se deve imaginar que apenas tem que rezar: com os Irmãos Maristas, ser necessário trabalhar. Ter ocasião de certificar-se disso na prática diária.

No esboço das regras remontando a 1830, achamos um capítulo importante sobre o trabalho manual e a maneira de o santificar. Talvez seja o texto mais pessoal do Fundador em todas as tentativas de regras. O trabalho regulamentado como uma liturgia e presidido por dois responsáveis. Enquadra-se na obediência exata, espírito de pobreza e mortificação. Não se deve assentar no chão durante o trabalho (nos campos), mas contentar-se em descansar um instante conservando-se de pé. Porque os Irmãos devem trabalhar no recolhimento (lembrado pela oração da hora), em silêncio, em espírito de penitência.

O jovem que entrava nesse regime de vida era, sem dúvida, levado a pensar que em l'Hermitage levavam-se as coisas a sério. Os que buscassem vida mais fácil, como os que ambicionassem promoção social pela instrução, eram bem depressa desanimados. Também o Padre Champagnat tinha razão em julgar os candidatos, antes de tudo, pela dedicação. Com efeito, além da renúncia ao egoísmo, o trabalho manual exigente e muitas vezes penoso, requeria o dom total de si a serviço da comunidade e da família religiosa. Mais particularmente, fazia entrar concretamente no espírito de humildade e simplicidade próprias da vocação Marista, exercitando tenacidade, indispensável ao início do trabalho de instrutor do povo.

Os fundadores contemporâneos insistem no trabalho manual, porque hoje descobriu-se a importância do exercício corporal. O envolvimento do corpo uma garantia de autenticidade, virtude diretamente ligada simplicidade e ao espírito Marista. O amor ao trabalho inscrito no próprio ser do Irmão Marista, como religioso leigo, o mantém próximo da condição comum dos cristãos que devem conciliar as preocupações temporais com as exigências da vida espiritual.

# IV - ETAPAS DA FORMAÇÃO

# Juvenato

Nos primórdios do Instituto, o Fundador admitia os candidatos sem dar muita importância idade. O futuro Ir.Francisco entra em La Valla aos dez anos, e mais tarde, o Ir.Silvestre aos doze anos. Contudo, a maioria dos postulantes recebidos pelo Padre Champagnat têm vinte anos. A Regra de 1837 fixa a idade de entrada na Congregação entre quinze e trinta anos.

O Ir.Silvestre evoca em suas memórias como suas estroinices colocaram prova a paciência do bom Padre e, sobretudo, a dos "veteranos" de l'Hermitage. Dado que o domínio de La Grande-Payre estivesse disponível, instalou-se a! um pr-juvenato em 1837 ou 1838. Um texto, que talvez o primeiro projeto da circular de 21 de agosto de 1838, nos fornece a informação seguinte:

"Depois de ter organizado um estabelecimento na Grange-Payre, em favor dos postulantes que não atingiram a idade de treze anos, podem trazer os que acharem bem dispostos. A pensão de cem escudos por ano".

 o Ir.Cassiano que est encarregado da casa, enquanto seu companheiro, o Ir.Arsênio, assume a exploração da propriedade.

Um sobrinho do Padre Champagnat encontra-se na Grange-Payre em 1838. Trata-se do filho de João Bartolomeu Champagnat, que toma o hábito em l'Hermitage na idade de doze anos, e se tornar um santo religioso sob o nome de Ir.Régis. O Pe.Champagnat o menciona na carta de 12 de agosto de 1838 a outro sobrinho, o Ir.Teodoreto:

"Seu irmãozinho est na Grange-Payre, bem satisfeito".

O bom Padre que gostava muito dos meninos, reservou uma de suas últimas visitas a esse juvenato próximo de l'Hermitage. Foi l na quinta-feira santa de 1840 para dizer a missa e fazer uma exortação aos juvenistas e pensionistas (Cf. 1& parte, cap. XXI, p.271).

Quanto orientação da educação dada aos juvenistas, ela responde, sem dúvida, aos traços fundamentais da pedagogia Marista asssinalada mais acima. Eis o conselho que o Ir.Luís Maria dar mais tarde a um Irmão Recrutador:

"Fortifique os juvenistas na piedade, franqueza e amor ao trabalho. Retorne sem cessar sobre as grandes verdades da religião" (Citado por A.Lanfrey, Uma Congregação Ensinante: os Irmãos Maristas de 1850 a 1904, 1979, p.217).

# Noviciado

Muitos aspectos da formação mencionada durante este trabalho relacionam-se mais ou menos diretamente com o noviciado. Nesta secção, gostaria de tratar do assunto de modo mais sistemático.

Em princípio, o Padre Champagnat não se mostra difícil admissão ao noviciado, e o Padre Courveille o adverte por isso. Na carta ao Ir. João Maria Granjon, de 1' de dezembro de 1823, o Fundador ilustra sua atitude com tanto humor como espírito sobrenatural:

"Apresentam-se também muitos noviços, mas quase todos pobres e jovens. Contudo três têm a idade da razão porque j completaram trinta anos. Um homem de negócios, o outro, sapateiro e o terceiro, homem de nada; mas com homens de nada que Deus faz grandes coisas".

Sabemos que o Fundador admitiu no Instituto at um dos velhinhos recebidos no asilo construído em 1833. Era sapateiro por profissão, e sob o nome de Ir.Espiridião, contribuiu ao espírito de simplicidade e ao bom humor nos recreios da casa mãe (Cf. Resumo dos Anais, pp 202-203). O Padre Champagnat tinha um princípio que lhe permitia reduzir todos os elementos do problema da seleção ao mesmo denominador comum. Ele o expressa na resposta, j citada, ao futuro Ir.Luís Maria, que se informa das condições de admissão ao Instituto:

"A grande e, posso dizer, única condição que necessária para entrar em nossa casa, com a saúde, a boa vontade e o desejo sincero de agradar a Deus" (29.08.1831).

Essa exigência da boa vontade total, na aparência benigna, na realidade coloca o candidato em face da perfeição evangélica e radical da vida religiosa. O Padre Champagnat exprime seu pensamento com mais detalhes ao apresentar três postulantes Superiora das Irmãs Maristas:

"Se elas não podem levar tudo o que desejariam, do lado das riquezas, levam pelo menos a boa vontade de fazer tudo o que puder exigir delas. Disse a elas que se não tivessem renúncia perfeita a si próprias, submissão toda prova, grande abertura de coração, vocação perseverante e verdadeiro desejo de amar a Deus imitação de Maria, que não fossem além em sua determinação; responderam-me que eram esses seus sentimentos e desejos da alma. Disse-lhes que a senhora guardaria essa carta para lembrar as promessas no tempo e lugar devidos; disseram-me que estavam dispostas e assinariam com o próprio sangue, se fosse necessário" (Agosto de 1832).

Paradoxalmente, são os candidatos melhor preparados humanamente que estão mais expostos a não satisfazer a condição fundamental do Fundador. Se P.A. Labrosse submeteu-se rapidamente influência do Padre Champagnat e desposou o espírito de simplicidade da Congregação, outros candidatos vindos do seminário, não souberam vencer as provas de desisteresse e obediência total às quais os submetia o homem de Deus. (Cf.o caso Roumesy citado acima).

Os candidatos que se apresentavam em condições menos vantajosas não escapavam também ao exame de ingresso. Aqui a pesquisa do Fundador visava antes de tudo detectar verdadeiro desinteresse próprio. Aprecia particularmente os jovens que fazem o sacrifício do fruto de seu trabalho ao entrar na vida religiosa:

"Diz-se de ter consideração por aquele que paga através do que poupou ou se não tendo nada, cuidou do pai ou da mãe" (29.03.1835).

O Fundador não quer os que consideram a vida religiosa como refúgio contra as dificuldades da vida:

"Não se ter colocado na cabeça que terá de trabalhar menos na religião do que no mundo? Que estar mais vontade? Que apenas ter que rezar, ouvir missa, etc." (Ibid.).

Constatamos aqui que nas perspectivas do Padre Champagnat, não havia lugar para os cônegos...

Contudo, o leque da diversidade era bastante grande para os postulantes. Como a maioria das ordens religiosas tinham sido supressas, certo número de candidatos apresentavam-se no noviciado dos Irmãos, que em outras circunstâncias teriam sido orientados para a vida religiosa contemplativa ou sacerdotal.

O fato est ilustrado pelos primeiros recrutamentos do Fundador. João Maria não pôde desfazer-se da veleidades da vida contemplativa, apesar da experiência infeliz que o fez regressar junto ao Padre Champagnat uma primeira vez. Por sua vez, o Ir.Luís quase sucumbiu "tentação" do sacerdócio. O próprio Padre Courveille, não achando l'Hermitage bastante austero e perfeito, acabar com os beneditinos, após alguns avatares, conforme sabemos...

No conjunto, as circunstâncias históricas favoreceram a riqueza e a variedade das disposições pessoais dos vocacionados. Vimos que o próprio Fundador era sensível às aspirações monásticas fundamentais, ao mesmo tempo que associava um dinamismo apostólico pronunciado (Cf. carta de 24.03.1838). L'Hermitage de Notre-Dame era um verdadeiro mosteiro e os numerosos trabalhadores manuais que a! se santificaram no Instituto não se sentiriam estranhos no gênero de vida e espiritualidade dos Pequenos Irmãos de Jesus.

A propósito do pluralismo e da abertura, apenas podemos admirar o desinteresse do bom Padre:

"Se o postulante solicitar conselho a respeito do Instituto que deve abraçar, preciso propor-lhe outro que mereça sua confiança, antes que o nosso" (29.03.1835).

Na seqüência do texto, expressa ao mesmo tempo sua humildade profunda e a identificação de seu Instituto com a "Obra de Maria".

"Se, no entanto, demonstra predileção pela Sociedade de Maria, por causa de nossa Padroeira, necessário acolh-lo, mostrando-lhe como ele faz bem em depositar sua confiança na Mãe de Deus" (Ibid.).

O capítulo VII da segunda parte da Vida ilustra por diversos exemplos que

"A devoção a Maria, o desejo de honr -la, servi-la e viver sob sua proteção eram para o Fundador marca de vocação".

O Ir. Silvestre lembra bem a cena de sua recepção pelo Padre Champagnat:

"Depois de nos ter convidado para tomar assento, bem polidamente, mas sem afetação, fez-nos, a mim e a meu companheiro, diversas perguntas, indagando-nos qual era o objetivo que nos levava vida religiosa, se tinhamos deixado nossa vontade própria na porta do convento, se amávamos muito a Santíssima Virgem..." (Memórias, p.263).

J vimos que o amor ao trabalho e a dedicação constituíam condição fundamental para a admissão definitiva no Instituto. O Fundador a exprimiu claramente nos esboços da Regra e o Capítulo Geral de 1852 o insere no primeiro artigo do capítulo XI das novas Regras intitulado "Da atividade e amor ao trabalho".

Entre os motivos de exclusão, além dos casos evidentemente justificados por causas morais, citamos o apego exagerado aos pais e as maneiras mundanas. Cristo exorta deixar tudo a todo aquele que quiser segui-lo e a vocação religiosa também escolha de vida. Contudo, o Padre Champagnat era muito humano. Sabemos que recolheu em l'Hermitage os pais do Ir.Liguori e a! findaram seus dias. Sabemos também que um dos irmãos do Fundador, João Pedro, depois de bancarrota e doença, encontra refúgio em l'Hermitage. Foi enterrado no cemitério da comunidade, assim como três de seus filhos.

H casos de apego exagerado aos pais; todavia, o Ir. João Batista cai ele próprio no excesso oposto ao ceder a suas preocupações de superior. Apresentamos aqui a lembrança do Ir.Daciano, na idade de 16 anos noviço em l'Hermitage. Com a notícia da doença da mãe, o Padre Champagnat, no início, não julga oportuno deix -lo ir para casa.

"No entanto, não podendo mais dominar minha tristeza, o Padre foi avisado por um dos antigos. No dia seguinte chamou-me e disse-me: Vejo que gosta muito da mãe. V v-la e regresse dentro de três dias" (Processo informativo).

Por outro lado, compreendemos bem o afastamento de um postulante que se obstinava em conservar suas maneiras mundanas no ambiente religioso em que a lei a simplicdade. (Cf. Vida, 2& parte. Cap. XVI).

O Fundador sabia evidentemente discernir as vocações de escol, ret-las e form -las com atenção particular. Recorreu a todos os meios imagináveis para reter um postulante desanimado pela conversa fora de propósito de um noviço. Vencido finalmente pela perseverança do bom Padre, esse jovem tornar-se- modelo das virtudes Maristas e morrer como um santo. Trata-se do Ir.Jerônimo, cuja história, j citada, constitui um dos exemplos contados pelo Ir.João Batista no capítulo XVIII da 2& parte da Vida, justamente intitulado "O que fazia para conservar os Irmãos na vocação".

O Bem-Aventurado Fundador discerniu igualmente as qualidades de alma do jovem Ir.Boaventura a quem não hesitou de confiar o encargo de mestre de noviços, apesar de sua pouca instrução.

Na biografia do Ir. João Pedro nos relatado que o Padre Champagnat encarregou-se ele próprio da formação desse jovem. O resultado? Um santo. Foi também provavelmente o caso do estudante de teologia P.A. Labrosse que o Fundador transformou em excelente Pequeno Irmão de Maria em menos de três meses.

O mérito do Fundador porém foi de transformar em bom religioso o menino abandonado que foi João Batista Berne, ou um seminarista impossível como João Cholleton, morto "em odor de santidade" (O Pe. Bourdin escreveu-lhe a biografia).

O noviciado de l'Hermitage era um centro de formação intensiva e por isso mesmo apresentava muitos desafios. Para compreender melhor as exigências do programa, necessário situar-se no quadro do lugar e da época. A vida era muito dura nos meios populares de que provinham os candidatos. A gente vivia na pobreza, submetida a trabalhos extenuantes. Não teria sido bom nem prudente criar em volta do noviciado a reputação de vida fácil. Aliás, os candidatos deviam estar preparados existência muito dura dos professores, nesses tempos heróicos da escola popular. A gente pode at surpreender-se, ao ler os depoimentos, como as pessoas simples eram levadas a admirar a austeridade e a mortificação na pessoa de um santo como o Padre Champagnat.

Um quadro dos exercícios do dia, que se encontra no caderno n' 6 do Padre Champagnat, e que deve remontar ao ano de 1833, nos d uma idéia do ritmo intenso da vida do noviciado. Entre o levantar às quatro horas e o deitar às oito horas e meia, havia pouco espaço para os lazeres, (fora do trabalho manual): um quarto de hora de recreio após o almoço e meia hora depois do jantar.

No início do dia, orações, leitura, estudo at às nove horas, com um quarto de hora de interrupção para o café. Das nove às onze horas e três quartos: trabalhos manuais, que retomavam uma hora, após a interrupção do almoço, at às três horas (ou três horas e meia). Nesse momento recomeça o programa da leitura, estudo e orações da tarde, at hora da janta, às sete horas e meia.

Além dos exercícios de piedade, o tempo pouco mais pouco menos repartido entre o estudo e o trabalho manual e evoca espontaneamente o famoso "Ora et labora" dos mosteiros beneditinos.

A atenção pode ser atraída talvez pelo fato de que o programa compreende dois momentos cada dia, manh e tarde, para a revisão e a explicação do método da meditação. Testemunha a importância que o Fundador dava ao aprendizado sistemático da meditação que chamava "os dois olhos da vida religiosa" (Notas do Ir.Francisco).

 necessário observar igualmente dois bons momentos cosagrados leitura da Escritura. Lêem-se o Evangelho de manhã, "A Bíblia" de tarde, (além da leitura espiritual normal). Se o exame de consciência comunitário, que precedia a refeição do meio dia, era uma herança do seminário, a culpa cotidiana, no fim do dia, era prática nitidamente monástica. Feitos com simplicidade de coração, esses dois exercícios podiam contribuir eficazmente a manter o fervor e a reparar as negligências e os atritos da vida comunitária.

Um regulamento apenas vale pelo impulso interior que o vivifica e o torna instrumento de santificação. Em l'Hermitage, os exemplos do Padre Champagnat, do Ir.Francisco e nossos primeiros Irmãos constituíam uma realidade vivificante capaz de encarnar e ao mesmo tempo relativizar o regulamento.

Hoje vivemos em outras circunstâncias históricas e outra mentalidade. Mas o noviciado permanece um tempo de prova e de formação. Nada senão um ideal pode catalisar a boa vontade dos jovens e coloc -los em face de uma escolha responsável. Quanto ao trabalho manual, que atraíu tantas críticas ao Padre Champagnat, foi adotado por certos fundadores contemporâneos como fator eficaz para a formação pessoal, comunitária e mesmo apostólica.

Se o programa de formação em l'Hermitage podia ser considerado mais como monástico, era bem completado por um segundo período nitidamente apostólico. Com efeito, o segundo ano de noviciado fazia-se nas casas, portanto, em condições bastante diferentes. O Fundador se expressa claramente na carta j citada de 29.03.1835:

"O noviciado de dois anos, do qual uma parte feita em um estabelecimento da Sociedade para exercitar-se, seja a lecionar, seja a cuidar da cozinha e, com isso, dar provas de vocação verdadeira."

O Padre Champagnat que "mestre" em construir, sabe que deve-se julgar o artífice segundo a perfeição da obra que executa.

O Irmão Luís Maria diz o mesmo em linguagem mais abundante:

"Disso resulta que os jovens Irmãos chegam às casas...preparados, antes do que formados, para tudo o que se lhes pedir.

E que não se diga que deveria ser de outro modo, que se deveria instrui-los mais, torn -los mais experientes, mais solidamente formados...Isso não possível, sobretudo pela necessidade em que se est de trein -los no segundo ano de provação, para coloc -los em face de ver se o estado de vida lhes convém e para que os superiores possam julgar se convêm ao estado. Esse ensaio, adotado em todas as constituições e aprovado pela Santa Sé, exigido pelo interesse dos candidatos bem como o das congregações" (cir, vol III, pp.344-345).

Aliás, a responsabilidade da cozinha e o aprendizado do ensino estão longe de se excluirem mutuamente. A tradição Marista associa facilmente a execução de diversas tarefas práticas com as exigência do ensino. A regra manuscrita de Saint-Sauveur, cuja última revisão remonta por volta de 1834, faz um dever ao jovem cozinheiro de iniciar-se ao ensino:

"O Irmão Reitor, ter o cuidado que o Ir.cozinheiro assista às aulas" (p.9).

Compreende-se a sobrecarga de responsabilidade dos Irmãos diretores que j suportam o peso do ensino, da direção da escola e da comunidade, ao ler as reflexões do Ir.Luís Maria:

"Todo o trabalho do noviciado ser como sem resultado, se não for sustentado e continuado pelos Irmãos diretores" (Cir., vol.III, p.340).

"...Que cuidados e atenção não devem ter ( formação) os Irmãos diretores, porque lhes cabe em sua quase totalidade e que apenas pode ser começada, esboçada, por assim dizer no noviciado?" (Ibid).

Contudo, ninguém pode pretender o heroísmo a jato. evidente a necessidade de continuar a formação do noviciado nas condições mais próximas da vida real que justifica a organização do escolasticado, mais ainda do que a obtenção dos diplomas necessários ao ensino.

# Escolasticado

Vimos que, no início, os estudos profanos estavam intimamante interligados com a formação religiosa e catequética no noviciado. Contudo, podemos recolher indícios da presença de Irmãos estudantes em l'Hermitage j no tempo do Fundador. Um horário do dia, datando pelo ano de 1833, traz esta menção:

"Os que foram escolhidos para se instruir entram na sala de aula e começam a estudar a gramática..."

O contexto não permite decidir se se trata de Irmãos estudantes ou simplesmente de um grupo de noviços.

O jovem Ir.Silvestre conta, por sua vez, que, após uma tentativa infeliz em Ampuis, regressou de boa vontade a seu ateli em l'Hermitage. Mas o Padre Champagnat quis anim -lo e dar-lhe uma marca de confiança ao encarreg -lo igualmente de dar lições aos Irmãos estudantes. (Em 1833, o jovem "professor" tinha apenas catorze anos).

Depois de 28 de junho de 1833, data da promulgação da lei Guizot, o brev era obrigatório para os professores. O Irmão Dominique se inquieta em Charlieu e quer ir a l'Hermitage, sem dúvida, para preparar esse exame que condiciona uma carreira. O Bem-Aventurado Fundador convida-o a submeter seu desejo às exigências da Congregação e às disposições da Providência:

"Desejo que voc se forme bem, sem contudo querer outra coisa do que Deus quer. Em tudo o que puder causar-lhe pena digamos sempre que a santa vontade de Deus se faça".(Carta, 06.03.1834).

Pode-se supor que nessa época houvesse em Hermitage grupos mais ou menos regulares de Irmãos que procuravam ampliar seus conhecimentos profissionais, sobretudo, em vista dos diplomas oficiais requeridos. O Ir.Francisco, secretário do Padre Champagnat, e estudioso fervoroso, teve, sem dúvida, um papel importante a desempenhar na organização e serviço a esses grupos de reciclagem.

A partir de 1848, um escolasticado regular que funciona em Grand-Payre, em lugar do pensionato. Com seu juvenato e escolasticado, essa "casa de formação" funcionar como um complemento de l'Hermitage at 1853. Esse escolasticado ou "curso para o brevê", compunha-se de jovens Irmãos mais antigos e em reciclagem que o Ir.João Batista denomina os "fortes têtes" (indisciplinados) Instituto. Depois da malograda aventura tragicômica do Ir.Silvestre, responsável pelo grupo, o Ir.Francisco redigiu as regras para o escolasticado. Estão reproduzidas no Boletim do Instituto (Tomo XXIII, pp. 671-672).

O autor recorda que o objetivo do estudo a glória de Deus e a salvação das almas. Nessa ótica, os Irmãos estudarão com diligência, sobretudo o catecismo, e santificarão seu trabalho pela prática das orações jaculatórias. A seguir, recomenda o estudo metódico, o cuidado na caligrafia e na manutenção dos cadernos. Não pode omitir de recordar o respeito aos mestres, a docilidade, a disciplina, o silêncio. Enfim, anima os menos prendados para que insistam no valor da boa vontade, pondo em guarda contra a vaidade os que mais sucesso têm nos estudos.

Mais tarde, no tempo do Ir.Luís Maria e do Ir.Nestor, o escolasticado assumir importância cada vez maior, devido aos progressos no ensino e às exigências dos diplomas oficiais que se tornam armas temíveis na luta contra o ensino congregacionista.

A tradição Marista conservou com obstinação a atitude pragmática do Fundador no tocante formação intelectual e profissional. (Primum vivere, deinde philosophari). Em nossa família religiosa, a prioridade estave sempre de acordo com a exigências da vida religiosa, marcada pela simplicidade e a ação apostólica. A conquista dos diplomas oficiais era regulamentada pelas necessidades diretas da educação crist através da escola.

# Formação permanente

Assim, a formação permanente, que responde às necessidades imediatas e se adapta às circunstâncias, arraigou-se na vida dos Irmãos Maristas. Uma situação de pobreza intelectual inicial contribuiu para desenvolver o amor ao trabalho e essa diligência constante que sabe aproveitar todos os instantes possíveis. " essencial que não percamos tempo", diz o Padre Champagnat na carta de 12.03.1838. O Ir.Lourenço afirma, aliás, que o Fundador era inimigo declarado dos preguiçosos. A necessidade da formação contínua faz evitar a ociosidade, tida em horror por Champagnat, formou mestres laboriosos, que serão modelos e educadores dos filhos da gente comum. Esse sistema produziu self-made-men notáveis, desde os primórdios, como o Ir.Francisco e o Ir.João Batista.

Na época do Fundador, o tempo forte da formação contínua para os Irmãos era o mês de férias passado em Hermitage. O Padre Champagnat fazia questão de ter todos os Irmãos junto a si a fim de poder continuar sua formação, valendo-se da experiência direta tomada do ano escolar precedente. Eis como descreve a um vigário que pretendia conservar os Irmãos na paróquia:

"Temos necessidade, neste curto mês, de ter nossos Irmãos conosco, a fim de examinar juntos os cursos, os êxitos de cada estabelecimento. Temos que fazer um exame geral, uma infinidade de coisas a regulamentar, o que não pode ser feito senão com a presença de todos" (setembro 1834).

Assim, todos os Irmãos participam do exame em detalhe da situação do Instituto e elaboração da estratégia do novo ano escolar. Não existe melhor formação que a fornecida pelo contacto direto com a realidade.

Além do retiro, onde fazia uma conferência cada dia pelo menos, o Fundador explicava regularmente as regras do Instituto e continuava a formação pedagógica e profissional de seus Irmãos. O Irmão João Batista afirma que se poderia compor um volume a partir da lições práticas e dos conselhos judiciosos prodigalizados pelo Padre Champagnat:

"Dava-lhes lições de leitura, ortografia, artimética, história, geografia e canto. Muitas vezes sucedia que at empregava o tempo do recreio para form -los a algumas dessas disciplinas. Não contente em inici -los a esses diversos conhecimentos, ensinava-lhes ainda a transmiti-los e os formava ao método do ensino"

(Vida, 2& parte, cap. XXII, pp.355-356).

A diligência dos Irmãos era sustentada através do ano escolar inteiro pelos meios habituais da emulação:

"Além da formação religiosa e das lições ministradas durante as férias, estabelecera concursos entre os Irmãos e também entre os alunos dos diversos estabelecimentos" (Depoimento do Ir. Eutímio).

Este testemunho confirmado por uma nota do Fundador, que foi provavelmente objeto de uma aviso prático dado durante as férias:

"O Grande Reitor far com que os meninos dos outros lugares de seu cantão apresentem composições" (Caderno n' 8, p.61).

Além disso, indo a l'Hermitage, os Irmãos deviam poder exibir provas de sua aplicação e do progresso dos alunos.

"Ao chegar casa para as férias, cada Irmão trar dez modelos (de caligrafia). Ninguém est dispensado dessa regra sem permissão.

Todos os anos, na mesma época, dever ser trazida uma folha na qual cada menino ter escrito segundo a capacidade, na entrada e saída..." (Regra de 1837, p. 63). (Cf. também Vida, 2& parte, cap. --, pp. 354-355).

Marcelino Champagnat sabe muito bem que nada substitui os contactos diretos e as relações pessoais na educação. assim que liga a maior importância visita aos estabelecimentos, qual se dedica apesar da fadiga e das numerosas ocupações. Eis o que escreve a Mons.Barou, vigário geral, em maio de 1827:

"Todos estão de acordo que de suma importância a boa formação da juventude. por isso muito importante que os que trabalham nessa obra excelente, sejam bem formados, e que não sejam abandonados a si próprios depois de enviados".

Em carta semelhante a outro vigário geral, Mons.Cattet, o Fundador expõe com clareza os objetivos principais de suas visitas. Como homem prático, sua vigilância sobretudo a respeito da castidade, regularidade e zelo dos Irmãos: é, com efeito, a fidelidade a esses pontos vitais que mantém os Irmãos no "espírito de seu estado":

Apesar da grande afeição que tinha para com os Irmãos e a alegria que experimentava ao encontr -los pessoalmente, o Fundador teve que descarregar-se de uma parte dessas visitas quando a Congregação se desenvolveu. Muitas vezes valeu-se da contribuição inteligente e enérgica do Ir. João Batista, confiando-lhe missões delicadas.

A Regra de 1837 contém uma secção especial sobre o irmão visitador (p. 33). Mas o controle detalhado confiado ao Irmão "primeiro diretor" que o chefe do distrito. (Substitui o "grande reitor" dos esboços precedentes).

"Em cada distrito o Irmão primeiro diretor que est encarregado de zelar pelos Irmãos que a! trabalham".

Além da vida religiosa, o primeiro diretor deve estender sua vigilância sobre a vida profissional e apostólica dos Irmãos.

"18. Cada três meses, e mais vezes se necessário, o Irmão primeiro diretor deve escolher um dia em que possa ver os alunos do estabelecimento que visita.

"19. Ver de que maneira os Irmãos dão aula, se tudo est em ordem, se o catecismo bem apreendido, se a caligrafia bem cuidada, se os cadernos são apresentáveis" (Ibid., pp.31-32).

Pelo fim da vida do Fundador, a primeira equipe de Irmãos Superiores institui "conferências" periódicas. Trata-se de reuniões culturais versando sobre um programa que cada um deve preparar:exposições, discussões, correção de trabalhos. Acima de tudo, acentuando os estudos religiosos, a circular de janeiro de 1840 fornece o programa detalhado de catecismo, gramática, aritmética, mais um assunto de composição francesa e um problema de matemática.

A exortação que enquadra o program anima o estudo, não sem apreensão marcada contra os excessos que pode comportar.

"São-nos necessários, antes de tudo, os conhecimentos santos ou santificados pela caridade que edificam e nutrem a piedade. Longe de nós essa ciência puramente profana que o orgulho ambiciona e que infla o coração!

Em primeiro lugar, serão bons catequistas, mas procurarão também tornar-se professores hábeis...Com a única intenção de agradar a Deus, vão redobrar de ardor no estudo próprio a um bom Irmão de Maria, e vão prepara-se a responder convenientemente a respeito das disciplinas que lhes serão propostas" (Circ. vol I, pp.32-33).

Conclusão

O texto curto que me tinha proposto no começo deste trabalho alongou-se notavelmente medida que foi sendo desenvolvido. Isso comprova que a comissão de formação tinha razão ao fazer empreender o estudo deste tema, primeira vista um pouco árido. Se esta tentativa não foi de mestre, abre perspectivas em domínio tão importante.

Ao retornar ao ponto de partida, lembremos o postulado de economia da tradição Marista. Em princípio, nós estamos destinados educação crist dos humildes; por conseqüência, o objetivo da formação não de criar, por estudos sem fim, uma aristocracia intelectual. Nossa preparação, desde os tempos do Fundador, sempre visou a utilidade apostólica direta, derivando da! o dinamismo. Nessas condições, fácil de enxertar a formação na boa vontade fervorosa, terreno ideal que faz frutificar a semente. Por outra, uma boa iniciação, deve permitir adaptar-se, pela formação contínua, às novas necessidades da atividade apostólica.

Conservar a todo custo a simplicidade do Fundador, que vai diretamente ao essencial e afaste assim a rotina das instituições acometidas de esterilidade. Evitemos essa formação - hibernação - em que se passam os mais belos anos da juventude voltados sobre si, sem contacto com os jovens, os pobres e os problemas do apostolado. Isso supõe, evidentemente, que a localização das casas de formação e a organização dos programas permitam verdadeira iniciação ao leque de atividades apostólicas da Congregação. Em todo caso, sempre possível interromper o ciclo de estudos para consagrar um tempo a uma vida integralmente engajada no apostolado.

Para evitar a esterilidade e a ineficácia, a formação dos jovens religiosos deve ser animada pelo ideal apostólico sempre presente. João Paulo II o expressa com veemência em sua alocução de 28 de janeiro de 1985 aos padres e religiosos da Venezuela. Aqui vão algumas palavras que o Santo Padre dirigiu diretamente aos noviços e seminaristas:

"Não tenham medo, formem-se bem, intelectual e pastoralmente, animem-se ao olhar em volta de vocês, porque a messe muita e o operários são poucos."

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Ir. Alexandre Balko

20.02.1985